

DEDICATÓRIAS E DEDICATÁRIOS DE «VIDAS» DEVOTAS E DE SANTOS EM PORTUGAL (SÉCULOS XVI- XVIII): ENTRE A PROTECÇÃO E A DEVOÇÃO

PAULA ALMEIDA MENDES*

UNIVERSIDADE DO PORTO - CITCEM

paula_almeida@sapo.pt

RESUMO: Tendo como pano de fundo a questão da leitura de obras de espiritualidade, entre os séculos XVI e XVIII, em Portugal, especialmente de «Vidas» de santos e devotas, este estudo pretende apresentar um elenco das suas dedicatórias e dos seus dedicatários, tentando chamar a atenção para algumas questões que se prendem não só com as leituras e as práticas espirituais ou devotas, mas também com as relações dos autores e/ou das várias ordens religiosas com influentes figuras da época, hoje, na sua maioria, praticamente desconhecidas.

PALAVRAS-CHAVE: Leituras, «Vidas» de santos, «Vidas» devotas, Séculos XVI-XVIII.

ABSTRACT: The background of this study is the problem of the reading of works on spirituality, in the XVI-XVIII centuries, in Portugal, especially saints and devotee «Lives», and aims to present a list of their dedications and people to whom they were addressed, trying to call attention to some issues that relate not only to the readings and spiritual practices or devout, but also the relationships with the authors and/or the various religious orders with influential figures of the time, today mostly virtually unknown.

KEY-WORDS: Readings, Saints' «Lives», Devotee «Lives», XVI- XVIII centuries.

A história da espiritualidade em Portugal na Época Moderna tem vindo a ser, paulatinamente, valorizada em alguns estudos, problematizando dúvidas e lacunas e permitindo repensar muitos problemas da história cultural. Um dos (muitos) domínios da história da espiritualidade que tem vindo a merecer a atenção de alguns autores relaciona-se estreitamente com a produção, a leitura e a circulação de textos que se inscrevem no filão da literatura devota ou de espiritualidade, cujo estudo, como uma ampla bibliografia já sublinhou, poderá revelar-se importante no sentido de um conhecimento mais aprofundado sobre os rumos e linhas que as práticas espirituais e devotas ou, para usarmos a

* Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Investigadora do CITCEM.

expressão de José Sebastião da Silva Dias, as «correntes de sentimento religioso»¹ poderão ter seguido no Portugal moderno.

Neste estudo, tomámos como ponto de partida a questão do interesse e da «partilha» masculina e feminina das leituras e das práticas espirituais e devotas no período compreendido entre os séculos XVI e XVIII, em Portugal, elegendo como objecto de estudo «Vidas» de santos ou «Vidas» devotas², tentando chamar a atenção, sobretudo, para alguns aspectos relacionados com a produção e a circulação de obras de espiritualidade (nomeadamente hagiográficas) e para algumas questões como as práticas espirituais e devotas desta época.

Esta abordagem passou pela leitura e pela análise das dedicatórias dessas obras a ilustres figuras da época, pertencentes, nomeadamente, à Casa Real, à alta nobreza e ao clero, hoje em dia praticamente desconhecidas.

O estatuto funcional da dedicatória não pode ser considerado à margem da sua condição de existência, em dois planos distintos, mas entre si relacionados: o plano intradieético e semionarrativo, e o plano extradieético e sociocultural que, no entanto se projecta no primeiro»³. «No plano extradieético, a dedicatória constitui um componente por assim dizer facultativo e historicamente motivado pelas circunstâncias económicas, sociais e culturais em que se desenvolve e divulga a comunicação literária⁴. Até ao século XVIII, antes da existência de um significativo mercado do livro, que permitiu ao autor alcançar uma certa independência económica, o mecenatismo e o clientelismo eram práticas muito comuns e, apesar das diferenças que os separam⁵ (aquele mais pautado pela lógica do reconhecimento, este pela lógica do serviço), asseguravam sempre ao escritor a possibilidade de se «abrigar à sombra» de uma figura importante, a qual garantia uma certa protecção económica e, em muitos casos, até mesmo

1 DIAS, José Sebastião da Silva – *Correntes de sentimento religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)*. 2 tomos. Coimbra, 1960.

2 A caracterização das obras que seleccionámos como «vidas devotas» resulta não só das suas características internas, mas também da comunhão dessas características com as de outras «vidas» de finais do século XVI e do século XVII que, não sendo obras hagiográficas no sentido estrito do termo, partilham com estas idênticos propósitos edificantes e exemplares (quando não os mesmos paradigmas de virtude e santidade), pelo que a «vida» ou «biografia devota» se pode incluir entre as «formas» da hagiografia, ainda que, muitas vezes, não se possa com ela confundir. Cf. FERNANDES, Maria de Lurdes Correia (1993) — *Entre a família e a religião: a «Vida» de João Cardim (1585-1615)*. «Lusitania Sacra», 2ª série, vol. 5, p. 94.

3 REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. (2000) — *Dicionário de Narratologia*. 7ª edição. Coimbra: Almedina, p. 91.

4 REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. (2000) — *Dicionário de Narratologia*. 7ª edição. Coimbra: Almedina, p. 91.

5 Veja-se, a propósito, VIALA, Alain (2003) — *Naissance de l'écrivain. Sociologie de la littérature et de l'âge classique*. Paris: Les Éditions de Minuit, p. 52-57, e JOUHAUD, Christian; MERLIN, Hélène (1993) — «Mécènes, patrons et clientes. Les médiations textuelles comme pratiques clientélares au XVII^e siècle». *Terrain*, Ministère de la Culture/Maison des Sciences de l'Homme, 21: URL : <http://terrain.revues.org/3070>; DOI: 10.4000/terrain.3070; última consulta em 18 de Setembro de 2012.

religiosa e política. Deste modo, as dedicatórias, assim como os paratextos⁶ das obras desta época, devem ser lidas com a reserva que exige, muitas vezes, a necessidade dos vários tipos de protecção apontados ou então em virtude de mercês recebidas⁷. Como realçou Monica Güell, «el enfoque elegido en al análisis del discurso de la dedicatória privilegiará las relaciones de poder y de dependência entre el autor del libro y/o de la dedicatória y el dedicatario, relaciones en que la noción de homenaje a un protector resulta ser compleja. Más allá de la aparente homogeneidade en la petición de amparo y protección y en el empleo de una retórica codificada, aparecerán diversas estratégias de escritura en función de unas pragmáticas particulares»⁸.

Eis o elenco dos dedicatários de «Vidas» de santos e devotas editadas em Portugal ou de autoria portuguesa, no período compreendido entre os séculos XVI e XVIII:

- A D. João III dedicou Jerónimo Lopes a *Chronica do sacnto, e virtuoso Iffante D. Fernando filho delrey Dó Iohã primeyro deste nome que se finou em terra de mouros* (1527)⁹, de Fr. João Álvares (O. Avis).

- À rainha D. Catarina foram dedicadas as seguintes obras:

- a tradução de Fr. Gonçalo da Silva (O. Cist.) do *Livro da vida e milagres do glorioso e bem-aventurado S. Bernardo novamente traduzido da língua francesa* (1544)¹⁰, de S. Guilherme, pelo impressor Luís Rodrigues;

- o *Tratado de la vida, loores y excelencias del bienaventurado Evangelista S. Juan* (1554)¹¹, por Fr. Diogo de Estela (O.F.M.);

- a *Vida e milagres da gloriosa Raynha Santa Izabel, molher do catholico rey dō Dinis sexto de Portugal. com ho compromisso da Cōfaria do seu nome & graças a ella concedidas* (1560)¹², de Diogo Afonso de Macedo, por António d'Alpoim e

⁶ Por paratexto entende-se todos os elementos que acompanham o texto principal, tais como prólogos, prefácios, dedicatórias, privilégios, licenças, protestações, poemas laudatórios ou gravuras. O termo foi introduzido por Gérard Genette, que o definiu como «le lieu privilégié de la relation pragmatique entre l'oeuvre et son lecteur» (GENETTE, Gérard (1982) — *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Paris: Éditions du Seuil, p. 9). A importância e a pertinência dos estudos paratextuais tem vindo a ser reconhecida, tendo estes adquirido uma certa legitimidade no campo da investigação literária. Veja-se, a propósito, ARREDONDO, María Soledad; CIVIL, Pierre; MONER, Michel (estudios reunidos por) (2009) — *Paratextos en la Literatura Española (siglos XV-XVI)*. Madrid: Casa de Velásquez.

⁷ FERNANDES, Maria de Lurdes Correia (1994) — *Recordar os «santos vivos»: leituras e práticas devotas nas primeiras décadas do século XVII português*. «Via Spiritus», vol. 1, p. 133-155;

⁸ GÜELL, Mónica (2009) — Paratextos de algunos libros de poesía del Siglo de Oro. Estrategias de escritura y poder. In ARREDONDO, María Soledad; CIVIL, Pierre; MONER, Michel (estudios reunidos por) (2009) — *Paratextos en la Literatura Española (siglos XV-XVI)*. Ob. cit., p. 19-35, esp. p. 20.

⁹ Lisboa: por Germão Galharde.

¹⁰ Lisboa: por Luís Rodrigues.

¹¹ Lisboa: por Germão Galharde.

¹² Coimbra: por João de Barreira.

António Brandão.

- Ao Cardeal-Infante D. Henrique foram dedicadas as seguintes obras:
 - a tradução da *Historia da vida e martyrio de Santo Thomaz Arcebispo de Cantuária* (1554)¹³, por Diogo Afonso de Macedo;
 - o *Sumario de la vida del primer arzobispo de Granada don fray Hernando de Talavera* (1557)¹⁴, pelo impressor André de Burgos, o qual realça o gosto e o cuidado daquele eclesiástico em relação à edição de «muchos libros deuotos y provechosos ala republica christiana»;
 - a *Chronica dos feitos, vida e morte do Infante Santo D. Fernando* (1577)¹⁵, de Fr. João Álvares (O. Avis), por Fr. Jerónimo Ramos (O.P.), que a emendou e corrigiu, não só pelo facto de D. Henrique lhe ter encomendado a obra, como também «pelo amparo que as cousas deste Senhor Iffante lhe merecem: & por ser justo que a vida do Iffante sancto, se offereça a hum sancto Iffante»¹⁶.
- A D. Martinho Pereira¹⁷ dedicou o Doutor Elias de Lemos a tradução do *Liuro da vida admiravel da b̃eaventurada Catherina de Genoa e de sc̃ta doctrina* (1564)¹⁸, manifestando, sobretudo, a sua gratidão pelo «amor» que aquele senhor «sempre» lhe «teue».
- A D. Juliana de Lara e Meneses, duquesa de Aveiro¹⁹, dedicou André de Resende *Ha Sancta Vida, e religiosa conversão de Fr. Pedro Porteiro do Mosteiro de Sancto Domingos de Evora* (1570)²⁰, em primeiro lugar, como testemunho da

¹³ Coimbra: por João Álvares.

¹⁴ Évora: por André de Burgos.

¹⁵ Lisboa: por Antonio Ribeiro.

¹⁶ Lembremos que D. Fernando é um «santo» que, caso se viesse a concretizar o reconhecimento oficial do seu culto, contribuiria para a afirmação de uma «santidade» dinástica, neste caso concreto, da dinastia de Avis, enquadrando-se, assim, no paradigma de *beata stirps* (sobre a noção de *beata stirps*, veja-se BLOCH, Marc (1961) — *Les rois thaumaturges*. Paris: Armand Colin; VAUCHEZ, André (1977) — «*Beata stirps: sainteté et lignage en Occident au XIII^e et XIV^e siècles*». In DUBY, Georges; LE GOFF, Jacques (dir.) — *Famille et parenté dans l'Occident Médiéval. Actes du Colloque de Paris (1974)*. Rome, p. 397-406).

¹⁷ D. Martinho Pereira foi ministro da Fazenda durante o reinado de D. Sebastião. Quando este monarca deliberou nomear novos ministros, em substituição dos que vinham do tempo da regência, o cardeal D. Henrique sugeriu o nome de D. Martinho, cujos merecimentos se reduziam em ser adverso ao matrimónio e por conservar a «limpeza da castidade», para a administração dos negócios civis e da fazenda. Todavia, acabou por ser suspenso por D. Sebastião, em Dezembro de 1574 ou princípios de 1575 (cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, vol. XXI, p. 161-162).

¹⁸ Lisboa: em casa de João de Barreira.

¹⁹ D. Juliana de Lara e Meneses era filha de D. Pedro de Meneses, III marquês de Vila Real, e de D. Brites de Lara (filha esta de D. Afonso, VIII Condestável de Portugal, e de D. Joana de Noronha). Casou com D. João de Lencastre, I duque de Aveiro, filho de D. Jorge, II duque de Coimbra, e de D. Beatriz de Vilhena (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1946) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Coimbra: Atlântida, tomo II, p. 291-292, e Idem (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit. tomo XI, p. 30-31; ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Nobreza de Portugal e do Brasil*. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, vol. II, p. 342-343, e vol. III, p. 527).

²⁰ Évora: por André de Burgos. Esta «Vida» foi traduzida na língua latina por Fr. Estêvão de Sampaio, O.P., com alguns aditamentos, e saiu na obra intitulada *Thezaurus arcanus Lusitanis gemmis refulgens* Parisiis: apud Thomam Perier, 1586.

estima que nutria por esta grande senhora, de quem havia sido mestre, durante a puerícia²¹, e, em segundo lugar, pelo cuidado e a preocupação que aquela e o seu marido votavam «às cousas tocantes à piedade e religião».

- À infanta D. Maria²² dedicou Fr. Pedro de Chaves (O.S.B.) a tradução e recopilação de Fr. Francisco Ibañez (O.S.B.) da *Vida do mui glorioso abbade S. Bento* (1577)²³, de São Gregório Magno.

- A D. Bernarda de Lencastre, abadessa de Lorvão²⁴, foi dedicado o *Processo da penitente vida de Santo Amaro, e dos milagres que em sua vida e per seus merecimentos fez Nosso Senhor* (1577), de São Gregório Magno, traduzido e recopilado por Fr. Francisco Ibañez (O.S.B.).

- A Santa Teresa de Jesus foi dedicada a anónima *La vida y milagros del glorioso padre San Alberto de la sagrada religión de Nustra Señora del Carmen* (1582)²⁵, e a tradução, feita por Fr. António de São José (O.C.D.) da *Vida da seraphica Madre Santa Tereza de Jesus, composta pela mesma Santa* (1720)²⁶. Foi a própria Santa Teresa de Jesus quem encomendou a escrita de *La vida y milagros del glorioso padre San Alberto de la sagrada religión de Nustra Señora del Carmen* (1582), ao qual aquela tinha por «padre y por abogado», tarefa a que o autor prontamente obedeceu, na medida em que a religiosa o ordenava «para el seruicio de su magestad y para el cósuelo delas hermanas que dessean ler esta vida, como verdadeiras hijas imitadoras deste sancto». A Santa Teresa de Jesus foi também dedicada a *Vida e obras da serva de Deus, a madre Soror Mariana Josepha Joaquina de Jesus, religiosa carmelita descalça do convento de Sancta Theresa do logar de Carnide* (1783)²⁷.

- A D. Ana de Lencastre, comendadeira do mosteiro de Santos²⁸, foram

²¹ André de Resende foi mestre de D. Juliana e de seu irmão, D. Miguel de Meneses, conde de Alcoutim, durante a puerícia, para os quais compôs uma «arte de gramática», intitulada *De uerborum coniugatione commentarius* (1540), Olisipone: apud Lodouicū Rhotorigium.

²² A infanta D. Maria (1521-1577) era filha de D. Manuel I e de sua terceira mulher, D. Leonor de Habsburgo.

²³ Lisboa: por António Ribeiro. À infanta D. Maria dedicou também Fr. Simão COELHO (O.C.) o *Compendio das Chronicas da Ordem de Nossa Senhora do Carmo* (Lisboa, per António Gonçalves, 1572).

²⁴ Apesar dos esforços desenvolvidos, não conseguimos identificar com certeza quem foi esta D. Bernarda de Lencastre, abadessa do mosteiro de Lorvão. Encontrámos uma referência a uma D. Bernarda de Lencastre, abadessa de Lorvão, que, a avaliar pelas datas, parece-nos ser esta dedicatária, no IV tomo do *Agiológio Lusitano*, de D. António Caetano de SOUSA. Seguimos a edição fac-similada com estudo e índices de Maria de Lurdes Correia FERNANDES (Porto: Faculdade de Letras, 2002, p. 520), que afirma ser esta senhora «neta do grande Rey D. Manoel».

²⁵ Évora: pela viúva de André de Burgos.

²⁶ Lisboa: na Oficina da Musica.

²⁷ Lisboa: na Regia Officina Typographica. Saiu sem o nome do autor, D. José Maria de Melo, que era sobrinho da religiosa biografada.

²⁸ D. Ana de Lencastre, Comendadeira do mosteiro de Santos, o Novo, era filha de D. Luís de Lencastre, comendador da Ordem de Avis, irmão de D. João de Lencastre, I duque de Aveiro, e de D. Madalena de Granada; era, portanto, neta de D. Jorge de Lencastre, II duque de Coimbra, e bisneta de D. João II (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo XI, p. 121-123.

dedicadas as seguintes obras:

– a *Vida da serenissima princesa D. Joana, filha del-rei D. Afonso V de Portugal* (1585)²⁹, de Fr. Nicolau Dias (O.P.), por Fr. Jerónimo Correia (O.P.), pois esta senhora era sobrinha-bisneta da princesa, o que torná-la-ia, de acordo com uma convicção difusa e atendendo aos aspectos ascéticos e espirituais que pautavam o seu comportamento, numa espécie de «herdeira espiritual» da «santa» dominica, mantendo-se, assim, fiel a uma longa tradição, segundo a qual santidade e nobreza de nascimento estariam estreitamente ligadas;

– o *Tratado da vida, virtudes e doutrina admiravel de Simão Gomes, português vulgarmente chamado o Çapateiro Santo* (1625)³⁰, do Pe. Manuel da Veiga (S.J.), em primeiro lugar, em sinal de gratidão pela «singular deuação» desta senhora pela Companhia de Jesus e, muito especialmente, pelas mercês que dela vinha recebendo a Casa de São Roque, e, em segundo lugar, baseado no conhecimento e no relacionamento da dedicatária com o «Sapateiro santo».

• A D. Cecília d'Eça³¹ dedicou Fr. Jerónimo Roman (O.E.S.A.) a *Historia de la vida del muy religioso varón fray Luis de Montoya* (1589)³², não apenas como acto de gratidão pelas mercês que recebia da dedicatária e de seu marido, Luís César, mas também pela «afficiõ» que esta senhora tinha a «las letras, y ler libros sanctos, y de outra lection curiosa y honesta, y tratar de ellos con tanta claridade de ingenio, que todas las cosas que toca las pone en sus próprios lugares, y segun merecen».

• Ao cardeal Alberto, arquiduque de Áustria³³, dedicou Diogo Mendes de Vasconcelos a *Vita Gondisalvi Pinarii Episcopi Visensis* (1591)³⁴.

• A D. Catarina, duquesa de Bragança³⁵, dedicou o Pe. João de Lucena (S.J.) a *Historia da vida do Padre Francisco de Xavier e do que fizerão na India os*

²⁹ Lisboa: por Antonio Ribeiro.

³⁰ Lisboa: por Mattheus Pinheiro.

³¹ D. Cecília d'Eça era filha de Fernão de Castro, alcaide-mor de Melgaço, e de D. Helena d'Eça, filha esta de D. Francisco d'Eça, que serviu em África e faleceu em 1480, em Azamor, e de D. Cecília Pereira. Casou, em primeira núpcias, com o desembargador Jorge Machado Boto, e, em segundas núpcias, com Luís César (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo XI, p. 394)

³² Lisboa: por António Alvares.

³³ Alberto VII (1559-†1621), cardeal arquiduque de Áustria, era o sexto filho do imperador Maximiliano II e de Maria de Áustria. Foi educado na corte de Filipe II de Espanha e abraçou o estado eclesiástico. Foi vice-rei de Portugal durante o domínio castelhano, de 1583 a 1598 (cf. CAEIRO, Francisco (1961) — *O Arquiduque Alberto de Áustria. Vice-rei e Inquisidor-mor de Portugal, Cardeal legado do Papa, Governador e depois soberano dos Países Baixos*. Lisboa: [Edição do Autor].

³⁴ Eborac: apud Martinum Burgensem.

³⁵ D. Catarina de Bragança (1540-1614) era filha do infante D. Duarte, filho de D. Manuel I e de sua segunda mulher, D. Maria, e de D. Isabel, filha esta de D. Jaime, IV duque de Bragança, e de sua primeira mulher, D. Joana de Mendoza. Casou com D. João I, VI duque de Bragança (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. II, p. 447-448)

mais religiosos da Companhia de Jesus (1600)³⁶, manifestando, sobretudo, a sua gratidão pelas mercês que a Companhia de Jesus vinha recebendo da Casa de Bragança, mas também a sua confiança de que a obra, «por ser a vida d'hum varam santo, & santos trabalhos dos que na Índia o acompanharam, & seguiram na dilataçam da fê com ardente zelo da gloria de Deos, & saluaçam das almas», seria do gosto desta grande senhora.

• A D. Ana de Velasco, duquesa de Bragança³⁷, dedicou Manuel Álvarez de los Reys o *Libro real de las alabanzas de la gloriosa Ana y San Joachin, y su carta ejecutoria, y letras en loor de otros santos* (1604)³⁸, impressionado por ser esta grande senhora «endiosada en deuoció, y llena de oracion, y assi por su particular Christiandad, como por singular prudencia, sumo valor y auentajado entendimento, y otras naturales dotes de la diuina Magestad de Dios».

• A D. Francisco de Sandoval y Rojas, I duque de Lerma³⁹, dedicou Pedro de Mariz a primeira parte da *Historia do bem-aventurado S. João de Sabagun, patrão salamantino* (1609)⁴⁰, manifestando, sobretudo, a sua gratidão em nome do reino de Portugal e lembrando a devoção deste senhor àquele santo.

³⁶ Lisboa: por Pedro Craesbeeck.

³⁷ D. Ana de Velasco era filha de Juan Fernández de Velasco, condestável de Castela, I duque de Frias, marquês de Berlanga, conde de Haro, e de sua mulher, D. Maria Girón (filha esta do I duque de Ossuna). Casou, a 17 de Julho de 1603, com o duque D. Teodósio, filho de D. João I, VI duque de Bragança, e de sua mulher, D. Catarina, dedicatária da *Historia da vida do Padre Francisco de Xavier e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Jesus* (1600), pelo P.^o João de Lucena (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1949) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo VI, p. 318).

³⁸ Lisboa: por Jorge Rodrigues.

³⁹ D. Francisco de Sandoval y Rojas (1553-1625), I duque de Lerma, era filho de D. Francisco Gomez de Sandoval Rojas y Zuñiga, IV marquês de Denia, e de D. Isabel de Borja (filha esta de São Francisco de Borja, IV duque de Gandia, e de D. Leonor de Castro Melo e Meneses). Casou com D. Catalina de La Cerda (Cf. FELGUEIRAS GAYO, Manuel José da Costa (1989) — *Nobiliário de Famílias de Portugal*, vol. III. Braga: Carvalhos de Basto, p. 42). D. Francisco de Sandoval y Rojas foi primeiro-ministro de Filipe III de Espanha, tendo exercido uma autoridade ilimitada no período compreendido entre 1598 e 1618. Foi durante o seu governo que se estabeleceram definitivamente os tratados de paz com a Inglaterra e a Holanda. Quando a sua mulher faleceu, fez-se nomear cardeal, supondo consolidar, por esse modo, o seu poder; todavia, foi esse o momento escolhido pelos seus inimigos para o derrubarem, em 1618. À frente destes encontrava-se o seu próprio filho, o duque de Uzeda, que o suplantou no favor do rei e o afastou da corte (cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Ed. cit., vol. XIV, p. 977). A este grande senhor foi dedicado um número de obras muito significativo: GUTIÉRREZ DE LOS RÍOS, Gaspar (1600) — *Noticia para la estimación de las artes y de la manera en que se conocen las liberales de las mecánicas y ser útiles, con una exhortación a la honra de la virtud y del trabajo contra los ociosos, y otras particulares para las personas de todos estados*. Madrid: por Pedro Madrigal; ANTOLÍNEZ, Fr. Augustin, O.S.A. (1605) — *Vida de S. Joan de Sahagun, de la Orden de S. Augustin, N.P.* Salamanca: por Artus Taverniel; COVARRUBIAS Y OROZCO, Sebastián de (1610) — *Emblemas morales*. Madrid: por Luis Sánchez; CABRERA DE CÓRDOBA, Luis (1611) — *De historia, para entenderla y escribirla*. Madrid: por Luis Sánchez; MATUTE DE PEÑAFIEL CONTRERAS, Diego (1614) — *Prosapia de Christo*. Baça: por Martín Fernández Zambrano; ÁLAMOS DE BARRIENTOS, Baltasar (1614) — *Tácito español ilustrado con aforismos*. Madrid: por Luis Sánchez. Veja-se, a propósito, CIVIL, Pierre (2000) — «*Libre et pouvoir au début du XVIII^e siècle: les dédicaces au duc de Lerma*». In *Le pouvoir au miroir de la littérature*. Paris: Publications de la Sorbonne/Presses de la Sorbonne Nouvelle (Travaux du CRES, XVI), p. 181-197.

⁴⁰ Lisboa: por António Alvares.

• A D. Catalina de Zuñiga e Sandoval⁴¹, condessa de Lemos e Andrade e marquesa de Sarria, dedicou Pedro de Mariz a segunda parte da *Historia das coisas notaveis e misteriosas de S. João de Sabagun, patrão salamantino* (1609)⁴², baseado na «vassalagem» que a esta senhora «deuião os Parentes do Sancto», assim como na «intima Deuação» que «mostrava naquele Patrocinio», até porque mais que «mayormente, que todos os Agradecimentos de Deuação de Sanctos, somente a Senhoras, se hauião de dar sempre: & quanto mais illustres, então com mayor confiança. Pois he nellas tão propria a Deuação, que a Igreja Catholica, por prerogatiua muy apropiada, quando as quer honrar, o faz cõ este Titulo. Exêplos temos muytos nas Historias Ecclesiasticas de muytas Senhoras illustres, a que a Deuação Piedosa que teuerão com algũs Sanctos, & a Piedade deuota que vsarão com muytos Martyres, fez muyto mais illustres no Ceo & na Terra».

• A D. Afonso de Castelo Branco, bispo de Coimbra e conde de Arganil⁴³, dedicou o impressor Francico de Lyra a *Vida, y Corona de Christo Nuestro Salvador* (1610)⁴⁴, do Pe. João Rebelo (S.J.), na qual acentua, por um lado, a matéria, «que he retrato» que aquele prelado tinha «diãte dos olhos, na vida de sua pessoa, & no governo de sua igreja», e, por outro, a religião do autor, de quem tinha mostrado «tanta satisfação, que sobre todas as mercês» que lhe tinha feito se vinha ocupando, por aquela altura, «na fabrica da capella mòr, em o insigne collegio de Coimbra, para sepultura do seu corpo, assi como envida escolhia o mesmo Collegio para consolação de sua alma».

⁴¹ D. Catalina de Zuñiga y Sandoval (1555-1628) era filha de Francisco Gomez de Sandoval y Zuñiga, IV marquês de Denia, e de D. Isabel de Borja e, portanto, irmã de D. Francisco de Sandoval y Rojas. Casou com D. Fernando Rodriguez de Castro, III marquês de Sárria e IX conde de Lemos. Foi camareira-mor da rainha D. Margarida de Áustria, mulher de Filipe III (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1951) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo IX, p. 89). A esta senhora dedicou também Fr. Bartolomé de Segura (O.S.B.) a *Amaçona Christiana. Vida de la B. M. Theresa de Jesus*, Valladolid, por Francisco Fernández de Córdoba, 1619, visando, por um lado, um largo agradecimento aos antepassados de D. Catalina, nomeadamente a sua tia-avó, D. Luísa de la Cerda, fundadora de um dos primeiros conventos do Carmelo descalço, e à religiosa Catalina de Jesus (no século, D. Catalina de Sandoval), prioresa do convento de Veas, e, por outro, o seu reconhecimento em relação à sua prática de «heroicas obras». Sobre a biblioteca desta grande senhora, veja-se: BARBEITO CARNEIRO, Maria Isabel (1988) — «La biblioteca de VI Condessa de Lemos». In *Varia Bibliographica. Homenaje a José Simón Díaz*. Kassel, p. 67-84.

⁴² Lisboa: por António Alvares.

⁴³ D. Afonso de Castelo Branco (1522-†1615) era filho ilegítimo de D. António Castelo Branco, deão da capela real e neto dos primeiros condes de Vila Nova de Portimão. Foi bispo do Algarve (1581) e de Coimbra (1585). Em 1603, foi nomeado vice-rei de Portugal por Filipe II, exonerando-se do cargo um ano depois. Foi também professor do Real Colégio de São Paulo e deputado da Mesa da Consciência e Ordens e comissário da Bula da Santa Cruzada. Praticando largamente a caridade, ficou conhecido como o «bispo-esmolero», tendo sido também um dos que mais contribuíram para que o túmulo da rainha Santa Isabel fosse de prata, deixando, por sua morte, trinta mil cruzados para a canonização daquela e vinte mil cruzados para reparação das estradas coimbrãs, além de importantes legados para o hospital e a Misericórdia de Coimbra (cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* — Ob. cit., vol. VI, p. 183).

⁴⁴ Lisboa: por Francisco de Lyra.

• Ao papa Paulo V dedicou D. Francisco Gonzaga, «Príncipe do Imperio, Marquez de Castilhone, & de Medole, Camareiro da Magestade Cesarea, seu Conselheiro & Embaixador na corte da Santidade do Papa Paulo V», a *Vida do beato Luiz Gonzaga da Companhi de Iesu* (1610)⁴⁵, do Pe. Virgilio Ceparí (S.J.), e Fr. Diego de Yepes (O.S.H.) a *Vida, virtudes y milagros de la bienaventurada virgen Teresa de Jesus* (1616)⁴⁶.

• A D. Inés de Vargas y Carvajal⁴⁷ dedicou Fr. Álvaro de Hinojosa y Carvajal (O.S.B.) o *Libro de la vida y milagros de S. Ines con outras varias obras a lo Divino* (1611)⁴⁸, em primeiro lugar pelo facto de ter sido nesta senhora que «depositó y atherosó la família de los Caruajales toda su hõra, nobleza, y virtud juntansose a esto, para que en todo se eternize, y quede más perfecta, el felicissimo casamiento, a cuya causa se vnió, y vinculó esta família con la de los nobilísimos Calderones, con que la família Caruajal quedó en su punto, supuesto que ha produzido varones muy famosos, que todo el mundo sabe» e, em segundo lugar, por ser esta obra a «Vida» de Santa Inês, a quem aquela senhora «por muchas razones deue de ser aficionada».

• A D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa⁴⁹, foram dedicadas as seguintes obras:

– os *Dialogos sobre a vida, e morte de Bartholameu da Costa Thezoureiro Mór da Sé de Lisboa* (1611)⁵⁰, de António Carvalho de Parada, pois este «breue tratado da vida de hũ taõ verdadeiro, & exẽplar Sacerdote» ser-lhe-ia «uma cousa de tão gosto», na medida em que este a «ajudou a cultivar cõ sua doutrina, & exẽplo»;

– *La vida que hizo el siervo de Dios Gregorio López* (1615)⁵¹, de Francisco Losa;

– a tradução do P. Diogo Monteiro (S.J.) do *Compendio da vida, virtude*

⁴⁵ Referimo-nos à tradução do P. Jerónimo Álvares (S.J.), editada em Lisboa, por Pedro Craesbeeck, em 1610.

⁴⁶ Lisboa: por Pedro Craesbeeck.

⁴⁷ D. Inés de Vargas Camargo y Carvajal, II condessa de Oliva de Plasencia, era filha de D. Miguel de Vargas Camargo, cavaleiro da ordem de Santiago e senhor de Oliva de Plasencia, e de D. Elvira de Trejo y Carvajal; casou com D. Rodrigo Calderon de Aranda, I marquês de Siete Iglésias. Era prima de Luísa de Carvajal e Mendoza (cf. SALAZAR Y CASTRO, D. Luis de (1795) — *Arboles de costados de gran parte de las primeras Casas de estos Reynos, cuyos dueños vivian en el año de 1683*. Madrid: en la Imprenta de D. Antonio Cruzado, p. 207. A D. Inés dedicou também Fr. Pedro de Veja (O.S.A.) a *Tercera Parte de la Declaracion de los siete psalmos penitenciales*. Madrid: por Miguel Serrano de Vargas, 1603.

⁴⁸ Braga: em casa de Frutuoso Lourenço de Basto.

⁴⁹ D. Miguel de Castro era filho de D. Diogo de Castro, alcaide-mor de Alegrete, e de D. Leonor de Ataíde. Doutorou-se em Teologia na Universidade de Coimbra e foi prior na paróquia de S. Cristóvão de Lisboa, inquisidor também nesta cidade (18-VI-1566), deputado do Conselho Geral (3-IX-1577), bispo de Viseu (15-IX-1579), arcebispo de Lisboa (1585) e vice-rei de Portugal, por nomeação de Filipe II (1615-1617). Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Ed. cit., p. 251-252.

⁵⁰ Lisboa: por Pedro Craesbeeck.

⁵¹ Lisboa: por Pedro Craesbeeck.

e milagres do Beato Padre Francisco Xavier Apostolo da India Oriental (1620)⁵², composto pelo P^o. Tomás de Villacastín (S.J.).

- A D. Fr. Aleixo de Meneses (O.E.S.A.)⁵³ dedicou Fr. Luís dos Anjos (O.E.S.A.) a *De vita, et laudibus S. P. N. Aur. Augustini hipponensi episcopi* (1612)⁵⁴.

- Ao P^o. Claudio Aquaviva (S.J.)⁵⁵ dedicou o P^o. Nicolau Godinho (S.J.) a *Vita Patris Gonzali Sylveriae [...] in urbe Monomotapa martyrium passi* (1612)⁵⁶.

- A D. Maria Corella y Mendoza, condessa de la Puebla⁵⁷, dedicou Fr. João Pinto da Vitória (O.C.) a *Vida del ven. Siervo de Dios nuestro padre maestro Fr. Juan Sanz, seguida de las vidas de las hijas espirituales del dicho padre venerable, com sermones para los dias de sus ferias* (1612)⁵⁸.

- A D. Guiomar Ruiz de Corella y Cárdenas, VIII condessa de Cocentaina⁵⁹,

⁵² Lisboa: por Antonio Alvares. A D. Miguel de Castro foi também dedicado o *Caminho espiritual das almas christãs para a salvaçam* (Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1613), de Manuel de Goes Vasconcelos.

⁵³ D. Fr. Aleixo de Meneses (25-I-1559/3-V-1617) era filho de D. Aleixo de Meneses, aio de D. Sebastião, e de D. Luísa de Noronha, filha de D. Álvaro de Noronha, capitão de Azamor. Tomou o hábito dos eremitas de Santo Agostinho, com o nome de Fr. Aleixo de Jesus, no convento da Graça, em Lisboa, a 24-II-1574. Coursou em Coimbra as faculdades de Teologia e Filosofia e foi prior dos conventos de Torres Vedras, Lisboa e Santarém, e definidor da Ordem. Em 21-XI-1594, foi eleito arcebispo de Goa, onde fundou, à sua custa, dois hospícios: um para donzelas pobres e outro para mulheres pecadoras arrependidas. Fundou também o mosteiro de Santa Mónica, cuja construção terminou em 1627. Distinguiu-se pela sua grande caridade; todavia, vendo que não podia praticar esta virtude como desejava, por estarem exaustas as rendas do arcebispado, dirigiu-se a Madrid, onde pediu renúncia. Esta não foi aceite e o rei pediu-lhe não só que voltasse ao arcebispado, como ainda que aceitasse o cargo de vice-rei de Portugal, o qual veio a exercer, depois de ouvir o conselho de Pio V. Em Madrid, ocupou o cargo de presidente do Conselho de Estado do reino de Portugal (cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Ed. cit., vol. XVI, p. 921).

⁵⁴ Coimbra: por Diogo Gomes de Loureiro.

⁵⁵ O P^o. Claudio Aquaviva nasceu em Nápoles, a 15 de Setembro de 1545, e era o filho mais novo de Giovanni-Antonio, duque de Atri. Depois de ter estudado Direito civil e canónico em Perúsia, foi camareiro de Pio IV e de Pio V e, mais tarde, a 25 de Julho de 1567, foi admitido, por São Francisco de Borja, na Companhia de Jesus, onde desempenhou vários cargos administrativos, entre os quais se contam o de reitor do seminário romano, reitor do colégio de Nápoles, provincial de Nápoles e provincial de Roma; após a morte de Everard Mercurian (S.J.), foi eleito Geral da Companhia, a 19 de Fevereiro de 1581. Faleceu a 31 de Janeiro de 1615 (cf. DUDON, P. (1937) — «Claude d'Aquaviva». In *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique*. Paris: Beauchesne, tome I, cols. 829-834).

⁵⁶ Lugduni: apud Horatium Cardon.

⁵⁷ D. Maria Ruiz de Corella y Mendoza era filha de D. Ximen Pérez de Corella, VI conde de Cocentaina, e de D. Beatriz de Mendoza. Casou com Alonso de Cardenas y Alvarez de Toledo, III conde de la Puebla del Maestre (cf. SALAZAR Y CASTRO, D. Luis de (1697) — *Historia Genealogica de la Casa de Lara, justificada con instrumentos, y escritores de inviolable fe*. Madrid: en la Empronta Real: por Mateo de Llanos y Guzman, tomo II, p. 639).

⁵⁸ Valencia: por Juan Crisóstomo Garriz.

⁵⁹ D. Guiomar Ruiz de Corella y Cárdenas (1604-1612), VIII condessa de Cocentaina, era filha de Gastón Ruiz de Corella, VII conde de Cocentaina, e de sua mulher e sua prima, D. Brianda de Cárdenas y Corella, V marquesa de la Puebla del Maestre, filha esta de Alonso de Cardenas y Alvarez de Toledo, III conde de la Puebla del Maestre, e de D. María Ruiz de Corella y Mendoza (cf. SOLER SALCEDO, Juan Miguel — *Nobleza española: grandeza inmemorial 1520*. Madrid: Vision Libros, p. 173). D. Guiomar era, portanto, neta de D. Maria Ruiz de Corella y Mendoza, dedicatária da *Vida del ven. Siervo de Dios nuestro padre maestro Fr. Juan Sanz, seguida de las vidas de las hijas espirituales del dicho padre venerable, com sermones para los dias*

dedicou Fr. João Pinto da Vitória (O.C.) a *Vida del principe sacro de Macedonia Don Pedro Cernouichio, aliàs Fr. Angelo Cernouichio, Religioso professo, y Sacerdote de la Orden de nuestra Señora del Carmen* (1612)⁶⁰.

• A D. José de Melo, VII arcebispo de Évora⁶¹, foram dedicadas as seguintes obras:

– a *Relação summaria da vida do illustrissimo e reverendissimo senhor D. Teotónio de Bragança, arcebispo de Évora* (1614)⁶², de Nicolau Agostinho, pois conhecia a «muita affeição, & amor que en quanto viueo» D. Teotónio, seu «antecessor, & tio tão chegado», por ele nutria e, por isso considerou que «deuia elle [D. Teotónio] no Ceo, onde sua alma stà, ser grãde parte pera vossa Illustrissima Senhoria subir a essa dignidade Pontifical, vendo os muitos merecimētos, que na pessoa de Vossa Senhoria hà para ella, & outras mayores dignidades: & para dar fim a causas, a que elle determinaua dallo, se mais viuera, como he quietar as diferenças entre os Freires da Ordem de Sanctiago, & Auis, com os Prelados deste Arcebisnado tantos annos ha mouidas, & effectuar a casa das Donzellas orfaás, obra tão necessaria, & de seruiço de nosso Senhor, para a qual tinha ja comprado juro, & Herdades: & em fim acabar o Mosteiro de Scala Cæli da Carthuxa, que elle leou na garganta (como dizem) por não poder darlhe a fim que desejava. A estes ajunto eu a grande obrigação que a Vossa Senhoria Illustrissima fica, não só de imitar a vida de hum tão perfecto Prelado, & tio...»⁶³;

– *Teresa militante* (1630)⁶⁴, de Fr. Manuel das Chagas (O.C.).

• A D. Luís de Silveira, III conde de Sortelha⁶⁵, dedicou Bernardo de Cienfuegos a tradução da *Vida del bienaventurado padre Gonçalo da Silveira*

de sus ferias (1612), escrita pelo mesmo biógrafo. D. Guiomar, que faleceu com oito anos, é a mais jovem dedicatária desta listagem; a ela dedicou também Fr. Vincente Gomez, O.P. (1609) *Los sermones y fiestas que la ciudad de Valencia hizo por la Beatificacion del glorioso Padre san Luys Bertran*, Valencia: en casa de Iuan Chrysostomo Garcia.

⁶⁰ Valencia: Juan Crisóstomo Garriz.

⁶¹ D. José de Melo, VII Arcebispo de Évora (c. 1550-1633), era filho ilegítimo de D. Francisco de Melo, II marquês de Ferreira (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo X, p. 104); logo, não era sobrinho de D. Teotónio de Bragança, que era irmão de D. Eugénia de Bragança, mulher de D. Francisco de Melo. D. Teotónio de Bragança e D. Eugénia de Bragança eram filhos de D. Jaime, IV duque de Bragança, e de D. Joana de Mendonça.

⁶² Évora: por Francisco Simões.

⁶³ Note-se que D. José de Melo era filho ilegítimo de D. Francisco de Melo, II marquês de Ferreira; logo, não era sobrinho de D. Teotónio de Bragança, que era irmão de D. Eugénia de Bragança, mulher de D. Francisco de Melo. D. Teotónio de Bragança e D. Eugénia de Bragança eram filhos de D. Jaime, IV duque de Bragança, e de D. Joana de Mendonça.

⁶⁴ Lisboa: por Matheus Pinheiro.

⁶⁵ D. Luís da Silveira, III conde de Sortelha (c. 1570-1617), era filho de D. João da Silveira (c. 1540 – Alcacer-Quibir, 1578), filho este de D. Diogo da Silveira, II conde de Sortelha, e de D. Madalena de Lancastre, filha esta de D. Luís de Lancastre, I comendador-mor de Avis, e de D. Madalena de Granada. O P^c. Gonçalo da Silveira era irmão de D. Diogo da Silveira, avô paterno de D. Luís da Silveira. D. Luís da Silveira foi guarda-mor de Filipe II, comendador da Ordem de Cristo, senhor de Góis, etc. (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. III, p. 398).

(1614)⁶⁶, do P^o. Nicolau Godinho (S.J.), porque «ha sido la família de los Sylueiras en todos los siglos ilustre, por auer auido siempre en ella personas insignes, assi en paz como en guerra, que por la antiguedad de su sangre, y nouedad de sus hechos, merecieron, y alcançaron de sus Reyes los ilustres titulos, y cargos...».

• Ao P^o. Octavio Accoramboni, colector apostólico em Portugal, dedicou Fr. Pedro Fragoso (O.C.) a tradução da *Relação summaria da vida, morte, milagres e canonização de S. Carlos Borromeo. Acrescentado de novo um exercicio quotidiano de vida espiritual ensinado pelo mesmo santo* (1616)⁶⁷, de Francisco Peña.

• A D. Luísa de Noronha, comendadeira-mor do mosteiro de Nossa Senhora da Encarnação de Avis, da Ordem de São Bento⁶⁸, dedicou Fr. Isidoro Barreira (O. Cristo) a *Historia da vida e martyrio da gloriosa virgem Santa Eria* (1618)⁶⁹, para que «veja, & communique a essas senhoras Religiosas [do mosteiro de Nossa Senhora da Encarnação de Avis], que estam a sua obediência, como Commendadeira mayor, que he desse mosteyro de nossa Senhora da Encarnação de Auis, que a infanta Dona Maria Filha del Rey Dom Manoel, & Irmãa del Rey Dom Ioam terceyro com tam catholicos zelo por seu testamento ordenou, & de entam para cà por tantos tempos esteue em silencio, como cousa que pello Ceo estaua destinada, & guardada para V. S. a cujo ser, sangue, & prudência natural, principiari, ordenar & por em effeyto tão santa obra, tão necessaria, & de tanto proveito, como se espera, assi no fruyto espiritual das religiosas, que nelle começarem sua infantia com o leyte da doutrina de tal pessoa, como tambem no tẽporal da criaçam de muytas do mais nobre sangue deste Reyno, que nelle se hão de recolher, pera depois de doutrinadas por V. S. & acrescentadas nos dotes naturaes tornarẽ ao mundo, & a primeira Ordem que Deos nelle ordenou, de quẽ como de ramos tirados da aruore desta sãta Religiam procedam, & naçam fruytos tam correspondentes a seus antepassados, que em nada enuejem os heroicos feytos delles, antes acrescentem a honra, & fama de tam nobre, & antigo Reyno»⁷⁰.

⁶⁶ Madrid: por Luis Sánchez. A D. Luís da Silveira dedicou também Francisco Rodrigues Lobo *O Pastor Peregrino. Segunda Parte da sua Primavera*, Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1608.

⁶⁷ Lisboa: por Pedro Craesbeeck.

⁶⁸ D. Luísa de Noronha era filha de D. António de Noronha, o Catarasto, capitão de Diu, e de D. Francisca de Noronha, filha esta de D. Álvaro de Noronha e de D. Mécia da Silveira de Távora e irmã de D. Luísa de Noronha, mãe de D. Fr. Aleixo de Meneses, arcebispo de Goa (cf. FELGUEIRAS GAYO, Manuel José da Costa (1989) — *Ob. cit.*, vol. VI, p. 682).

⁶⁹ Lisboa: por Antonio Alvares.

⁷⁰ Este convento foi a última obra arquitectónica patrocinada pela Infanta D. Maria. De acordo com Carla Alfêres Pinto, «no parágrafo 15 do testamento, a Infanta mandava que se fizesse um convento de freiras – com a invocação de Nossa Senhora da Encarnação – que observassem a mais estreita regra beneditina. Contudo, por determinação de Filipe II, a casa é entregue às Comendadeiras da Ordem Militar de São Bento de Avis. Por razões que se prendem com a difícil gestão da fortuna da Infanta, este mosteiro começou a ser edificado

• À «Camara, e governo da notável villa de Viana, e a toda a mais nobreza & povo della» dedicou Fr. Luís de Sousa (O.P.) a *Vida de D. Fr. Bartholameo dos Martyres da Ordem dos Pregadores* (1619)⁷¹.

• A D. Lopo de Azevedo e Mendonça, almirante de Portugal⁷², dedicou Diogo Pires Cinza a *Vida, martírio e ultima tresladação do Martyr S. Vicente* (1620)⁷³.

• A D. Luísa Coutinho, condessa do Sabugal⁷⁴, foram dedicadas as seguintes obras:

– a *Vida e morte do Padre Fr. Estêvão da Purificação, religioso da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da provincia de Portugal* (1621)⁷⁵, de Fr. Luís de Mértola (O.C.), referindo as suas relações (e de sua mãe, D. Catarina de Meneses) com os religiosos carmelitas, e muito especialmente com Fr. Estêvão da Purificação, a quem estas duas senhoras «tiuerão tanto amor, & deuação que posso dizer foy seu esmoller: & de contino desejauão velo, & tratalo a fim de gozar de sua santa conversação», e delineando um retrato exemplar da mesma, recorrendo à insinuação de comparação de muitas das suas atitudes com as de Fr. Estêvão da Purificação: «Aqui acharà [D. Luísa] grandes motiuos pera fomentar suas heroycas virtudes. He amiga dos pobres, & necessitados como esse hospital de quatrocentos, ou quinhentos enfermos, em que Deos a poz está pregoando? Aqui tem exemplo, & companhia em semelhante virtude. Visita a miude ainda os mais asquerosos dessas enfermarias? Aqui tem hum santo que se não daua por satisfeito sem primeiro por a boca nas chagas dos mesmos enfermos. He dada a exercicios de lição, & meditação? Aqui acharà quem foy nisto muy auentajado. Empregase na frequencia dos Sacramentos? Aqui verà quem outra cousa não

mais tarde (1614), e só em 1630 (a 15 de Setembro) entram as primeiras religiosas: D. Luísa de Noronha e Maria da Purificação, do mosteiro da Esperança, e D. António da Silva, do de Odivelas» (cf. PINTO, Carla Alferes (1998) — *A Infanta Dona Maria de Portugal. O mecenato de uma princesa renascentista*. Fundação Oriente, p. 113-114). Veja-se também: CARDOSO, Jorge (2002) — *Agiolôgio Lusitano*. Ed. cit., tomo II, p. 229-230-h.

⁷¹ Viana do Castelo; por Nicolau Carvalho.

⁷² D. Lopo de Azevedo e Mendonça era filho de D. João de Azevedo, XV almirante de Portugal, e de Brites Corte-Real, filha esta de Vasco Anes Corte-Real e de D. Catarina da Silva. Casou com D. Guiomar Mascarenhas (ou da Silva), filha de D. Fernando Martins Mascarenhas, comendador de Santa Maria de Mascarenhas, na Ordem de Cristo, e de D. Maria da Silva. (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo XI, p. 244-245).

⁷³ Lisboa, por Pedro Craesbeeck. A D. Lopo de Azevedo e Mendonça dedicou também Manuel Quintano de Vasconcelos *A Paciência constante. Discursos poéticos em estilo pastoril*. Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1622, e Fr. João Cardoso (O.F.M.) a *Jornada dalma libertada, guiada no arriscado, e tempestuoso mar, do mundo, por Christo Piloto diuino, na Não da Igreja ao porto celestial d saluação. Cuja moralidade, se funda & prossegue em discursos moraes, sobre o Psalmo cento, & treze*. Lisboa: por Geraldo da Vinha, 1626.

⁷⁴ D. Luísa Coutinho (†31-01-1639) era filha de D. João Coutinho (por alcunha o *Cavalinho*) e de D. Catarina de Meneses. Casou com D. Francisco de Castelo Branco, II conde de Sabugal (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. III, p. 246).

⁷⁵ Lisboa: por Pedro Craesbeeck.

pregava, nem ensinava com mais efficacia que essa. He facil, & affauel pera todos os que della querem alcançar merces? Aqui se lhe offerece hum santo que nunca soube ser de cerimonia, senão com toda a facilidade, & affabilidade acodia aos que nelle buscaão remedio...»;

– a tradução do *Epítome da vida apostólica e milagres de S. Thomas de Villa Nova arcebispo de Valença, exemplo de Prelados, & pay de pobres, da Ordem nosso Padre Santo Agostinho. Com um tratado da vida do veneravel P. Fr. Luis de Montoya, Mestre que foy dos nouiços em Salamanca, sendo o Glorioso S. Prior delle; & assi mais de algũs seruos de Deos que deu à Igreja assi là, como nesta Prouincia sendo Prelado della* (1629)⁷⁶, por Fr. Duarte Pacheco (O.E.S.A.), seu primo, que sublinha e aconselha o gosto desta em imitar as virtudes dos santos, em particular a prática da esmola; deste modo, Fr. Duarte Pacheco, justificando a dedicatória da «Vida» deste santo, afirma que «sendo [São Tomás de Vilanova] insigne em todas as virtudes, na da esmola o foy tanto, que ganhou titulo, & appellido de eleemosynario: & quando não ouuera outra rezão, esta bastava para dedicar o liuro a V. S. & querer que saísse emparado, & honrado com a sombra do nome de hũa senhora, que tão amiga foy sempre desta virtude, herdada ja de seus mayores, de cujas nobrazas, & grandezas não falo, porque a rezão de parentesco que há entre nós não faça suspeito o que disser deles»; além disso, esta dedicatória faz também referência à particular devoção desta senhora a alguns veneráveis e religiosos agostinhos e, em especial, à particular protecção desta senhora aos agostinhos da província de Portugal: «Deu tambem o santo muitos filhos spirituais ao Ceo, como na historia relato, de que coube grande parte a este Prouincia, & bastava caberlhe o santo Padre frey Luis de Montoya pera V. S. ter muita rezam de aceitar este penhor, & eu nenhũa pera deixar de lho offerecer sem fazer aggrauo à mesma Prouincia, de que V. S. sempre foy particular protectora: cuja vida com a do senhor Conde conserue Deus por largos annos...»⁷⁷.

• A D. Duarte, marquês de Flechilla⁷⁸, dedicou D. Fr. António de Gouveia

⁷⁶ Lisboa: por Pedro Craesbeeck.

⁷⁷ Sobre estas e outras dedicatórias, entre as quais se contam o *Jardim de Portugal* (Coimbra, por Nicolau Carvalho, 1626), de Fr. Luís dos Anjos (O.E.S.A.), em edição póstuma, por Fr. António da Purificação (O.E.S.A.), e o *Socorro das Almas do Purgatório* (Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1627), por Amaro de Robredo, dirigidas a esta grande senhora, veja-se: FERNANDES, Maria de Lurdes Correia (1994) — *Recordar os «santos vivos»: leituras e práticas devotas nas primeiras décadas do século XVII português*. «Via Spiritus», vol. I, p. 133-155.

⁷⁸ D. Duarte era filho de D. João I, VI duque de Bragança, e de sua mulher, D. Catarina. Casou duas vezes: a primeira, em 1596, com D. Brites de Toledo Monroy y Ayala, marquesa de Jarandilla e herdeira presuntiva da Casa de Oropesa (que não chegou a herdar devido à sua morte prematura), c.g.; a segunda, com D. Guiomar Pardo y Tavera, marquesa de Malagón, s.g.. Filipe II fê-lo marquês de Frechilla e elevou-o à Grandeza; foi ainda senhor de Vila Ramiel, comendador de Castelново, alferes-mor da Ordem de Alcântara e gentil-homem da Câmara de Filipe III e Filipe IV (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, volume II, p. 447). Como afirma José Adriano de Freitas CARVALHO, D. Duarte era um habitual dedicatário de livros impressos (cf. LOBO, Francisco Rodrigues (1992) — *Corte na Aldeia*. Int., notas e fixação do texto de José Adriano Freitas de CARVALHO. Lisboa: Presença, p. 52). Sobre a figura deste grande senhor, veja-se: BOU-

(O.E.S.A.) a *Vida y muerte del bendito Pe. Juan de Dios* (1624)⁷⁹.

• Ao «Padre Prouincial, & Vigairo Geral o P. Doctor Frey Manuel de Lemos Calificador do Santo Officio da Inquisição» dedicou Fr. Bernardino de Santo António (O.SS.T.) a *Summaria relação da vida e morte do grande servo de Deos o Reverendissimo P. Mestre Fr. Simão de Rojas religioso da Ordem da Santissima Trindade e Confessor da Serenissima Raynha de Espanha D. Izabel de Borbon e das vidas dos Bemaventurados Padres Fr. Bernardo de Mouray, Mestre na Sagrada Theologia, Fr. João de Aguila, Fr. João de Palácios, redemptores de cativos, que padecerão em Argel* (1625)⁸⁰.

• A D. Luísa da Silva e Mendonça⁸¹ dedicou Fr. Luís de Mértola (O.C.) a *Vida de la bienaventurada Madre Soror Maria Magdalena de Pazzi* (1626)⁸², em primeiro lugar, em sinal de gratidão pelos «benefícios» que, recentemente, havia recebido «da mão» desta senhora e, em segundo lugar, para oferecer a «vida de vna santa a quien dessea y trata de veras serlo» e também às filhas de D. Luísa «la lición que mas les combiene», pois este (alto) exemplo «sera medio efficacissimo para alcançar sus intentos de ser perfetas religiosas y esposas de Christo».

• Ao P. António Mascarenhas (S.J.) dedicou António Vaz de Sousa a tradução da *Historia da vida da Virgem Maria Senhora Nossa tirada dos Santos Padres com suas meditações, e acrescentada com orações, e ladainhas, e milagres da mesma Virgem* (1626)⁸³, de Lucas Pinello (S.J.).

• A D. Fernando Alvia de Castro⁸⁴ dedicou Manuel Tomás *El angelico doctor S. Thomaz de Aquino, su vida, excellencias y muerte* (1626)⁸⁵.

• A Nuno Dias Mendes de Brito, fidalgo da Casa Real e alcaide-mor de Alcoutim⁸⁶, dedicou Francisco Lopes *Sam Gonçalo de Amarante: nacimiento, criação, vida, morte, & milagres* (1627)⁸⁷.

ZA, Fernando (2003) — *En la corte y en la aldeã de D. Duarte de Braganza. Libros y pinturas del Marqués de Frechilla y Malagón*. «Península. Revista de Estudos Ibéricos», n.º 0, p. 261-288.

⁷⁹ Madrid: por Tomas de Junta.

⁸⁰ Lisboa: por Pedro Craesbeeck.

⁸¹ D. Luísa da Silva e Mendonça era a segunda filha de Duarte de Melo da Silva, senhor de Povolidé, e de D. Margarida de Mendonça (descendente dos duques do Infantado). Casou com D. Constantino de Sá Noronha (†1630), governador e capitão-geral da ilha de Ceilão (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., vol. XI, p. 440).

⁸² Lisboa: por Geraldo da Vinha.

⁸³ Lisboa: por Antonio Alvares.

⁸⁴ D. Fernando Alvia de Castro foi um escritor genealogista castelhano, cavaleiro da Ordem de Calatrava, vedor geral da Gente de Guerra e Presídios de Portugal. Viveu entre os finais do século XVI e princípios do século XVII (Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Ed. cit., vol. II, p. 234).

⁸⁵ Lisboa: por Jorge Rodrigues.

⁸⁶ Nuno Dias Mendes de Brito era um financeiro cristão-novo (cf. ALMEIDA, A. A. Marques de (1997) — *O Zangão e o mel. Uma metáfora sobre a diáspora sefardita e a formação das elites financeiras na Europa (séc. XV-XVII)*). «Oceanos». Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, n.º 29, p. 23-35).

⁸⁷ Lisboa: por Geraldo da Vinha.

• A D. Jerónimo de Melo Coutinho⁸⁸ dedicou Soror Maria Madalena de São Pedro (O.S.C.) a *Historia, prerogativas e louvores do glorioso S. João Evangelista tirado de vários autores* (1628)⁸⁹.

• A Luís da Cunha⁹⁰ dedicou Fr. Duarte Pacheco (O.E.S.A.) a tradução da *Vida, virtudes e milagres de Santa Clara de Monte Falco* (1628)⁹¹, de Fr. Miguel Solón (O.E.S.A.), realçando as «calidades» que aquele senhor herdou «de seus Ilustres progenitores, entre os quais não tem o lugar vltimo o Grande Tristão da Cunha», bisavô de Luís da Cunha, «que sendo Embaixador em Roma em a ocasião em que elrey dom Manoel offertara primícias das riquezas do Oriête ao serviço da Igreja com a obediência ao Sumo Pontifice daquele grande Imperio, ostentar naquela Corte cabeça do Mundo tanta majestade, & zelo Christão, que deixou larga materia as lingoas, & penas de Italia pera celebrar seu nome».

• A D. Catarina de Meneses⁹² dedicou Fr. Manuel das Chagas (O.C.) o *Tratado da vida, excelencias e morte do bemaaventurado Santo André Curcino, bispo de Fesula, religioso da sagrada ordem de Nossa Senhora do Carmo* (1629)⁹³.

• A S. Francisco Xavier dedicou D. Fernando Alvia de Castro a sua tradução

⁸⁸ D. Jerónimo de Melo Coutinho, comendador de Punhete, era filho de Jorge de Melo Coutinho e de D. Maria de Meneses, irmã de D. Jorge de Sottomayor, senhor de Fermoselhe e de Alconchel. Casou com D. Maria de Noronha, filha de D. Tomás de Noronha (filho este de D. Leão de Noronha e de D. Branca de Castro) e de D. Helena da Silva, a qual era consultada como «oraculo pelo vasto conhecimento, que tinha das Famílias, e Antiguidade deste Reyno». De D. Leão de Noronha, avô paterno de sua mulher, D. Maria de Noronha, escreveu D. Jerónimo de Melo Coutinho uma «Vida» devota, destinada a preservar a *fama sanctitatis* deste grande senhor que era, já em vida, considerado um «santo vivo», a qual foi objecto de estudo por parte de José Adriano de Freitas CARVALHO (1996), em «*Vida e Mercês que Deus fez ao venerável D. Leão de Noronha: do santo de corte ao santo de família na Época Moderna em Portugal*». «Via Spiritus», vol. 3, p. 81-161. D. Jerónimo, que «viveo tão observante dos preceitos Evangelicos, que parecia ser mais Religioso, que secular», faleceu em 1645 e foi sepultado na sacristia nova do convento de Santa Maria de Xabregas (cf. MACHADO, Diogo Barbosa (1966) — *Bibliotheca Lusitana*. Coimbra: Atlântida, tomo II, p. 507-508).

⁸⁹ Lisboa: por Antonio Alvares.

⁹⁰ Luís da Cunha, senhor do morgado de Paio Pires, era filho de Jerónimo da Cunha e de Maria de Meneses. Casou com Joana de Meneses (ou de Vilhena), filha de Bernardim Ribeiro Pacheco e de D. Maria de Vilhena e irmã de Fr. Duarte Pacheco, tradutor desta «Vida» (cf. FELGUEIRAS GAYO, Manuel José da Costa (1989) — *Ob. cit.*, vol. IV, p. 151, e vol. VIII, p. 19).

⁹¹ Lisboa: por Antonio Alvares.

⁹² D. Catarina de Meneses era filha de D. Manuel de Meneses (filho este de D. Jorge de Meneses, VI senhor de Cantanhede, e de D. Leonor Manuel) e de D. Brites de Vilhena (filha esta de João de Melo da Silva e de D. Leonor Fogaça). Casou, em primeiras núpcias, com Brás Afonso de Albuquerque, s. g., e em segundas núpcias com D. João Coutinho, alcaide-mor de Santarém e Almeirim e senhor de Alvaiázere, c. g.. Foi mãe de D. Luísa Coutinho, condessa do Sabugal, dedicatária da *Vida e morte do Padre Fr. Estêvão da Purificação, religioso da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da provincia de Portugal* (1621), de Fr. Luis de Mértola (O.C.) e da tradução do *Epitome da vida apostólica e milagres de S. Thomas de Villa Nova arcebispo de Valença, exemplo de Prelados, & pay de pobres, da Ordem nosso Padre Santo Agostinho. Com um tratado da vida do veneravel P. Fr. Luis de Montoya, Mestre que foy dos nouiços em Salamanca, sendo o Glorioso S. Prior delle; & assi mais de algus seruos de Deos que deu à Igreja assi lá, como nesta Prouincia sendo Prelado della* (1629), por Fr. Duarte Pacheco (O.E.S.A.) (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo XI, p. 479).

⁹³ Lisboa: por Pedro Craesbeek.

DO *Compendio italiano de la vida del Santo Francisco Xavier* (1630)⁹⁴, de Muzio Vitelleschi (S.J.).

• A Luís Correa Monsanto, fidalgo da Casa Real e cavaleiro da Ordem de Cristo⁹⁵, dedicou Fr. António de Moura a *Vida del Santissimo Patriarcha S. Juan de Dios compuesta por Fr. Antonio de Gouvea Obispo de Cynera* (1632)⁹⁶, em primeiro lugar, como sinal de gratidão pela piedade e pelo zelo que, «por tantas vias», aquele senhor mostrava para com as enfermarias e os religiosos da Ordem da Hospitalidade e, em segundo lugar, pelo facto deste ser filho de Marcos Fernandez Monsanto, «a cuya generosidade no ay obra pia, no ay ocasion del culto divino, y honra de los santos, que no deua afecto tan fervoroso, como efetos liberales».

• A António Teles da Silva⁹⁷ dedicou Ignacio Stafford (S.J.) a *Historia de la celestial vocación, misiones apostólicas y gloriosa muerte del Padre Marcelo Franco Mastrili* (1639)⁹⁸.

• À Virgem Maria, sob diferentes invocações, foram dedicadas as seguintes obras:

– a *Tercera Parte de la Vida de Jesus*⁹⁹ (1566), e o primeiro tomo da *Segunda Parte de la Vida de Jesus*¹⁰⁰ (1568), por Fr. Luis de Montoya (O.E.S.A.);

– a Nossa Senhora do Amparo dedicou Luís de Tovar o *Poema mystico del glorioso Santo Antonio de Padua: contiene su vida, milagros y muerte* (1616)¹⁰¹;

– à Virgem do Monte Carmelo dedicou Fr. Luís de Mértola (O.C.) a *Vida de la bienaventurada Madre Soror Maria Magdalena de Pazzi* (1642)¹⁰²;

⁹⁴ Lisboa: Pedro Craesbeeck.

⁹⁵ Luís Correa Monsanto e seu pai, Marcos Fernandez Monsanto, eram financeiros (cf. VENTURA, Maria da Graça Mateus (1997) — *A União Ibérica e o mundo atlântico*. Edições Colibri, p. 77).

⁹⁶ Madrid: por Francisco de Ocampo.

⁹⁷ O autor não deixa pistas que nos permitam saber com exactidão quem era este António Teles da Silva, mas, tendo em conta a data da obra e o facto de aquele se dirigir a este como «Capitã General», cremos tratar-se de um dos filhos de Luís da Silva, alcaide-mor e comendador de Seia na Ordem de Avis, governador da Relação do Porto, veador da Fazenda e do Conselho de Estado, tendo servido durante algum tempo de mordomo-mor, padroeiro do mosteiro das Chagas de Lamego, e de D. Mariana de Lencastre, aia do príncipe D. Teodósio, filha de D. Francisco de Faro, IV senhor de Vimeiro, e de sua segunda mulher, D. Guiomar de Castro. António Teles da Silva entrou, sendo moço, na Religião de Malta, que não professou e de todo a largou; achou-se na restauração da Baía, em 1625; em 1635, foi capitão-mor das naus da Índia; achou-se na aclamação de D. João IV, que o mandou por governador do estado do Brasil com a promessa do título de conde; voltando para o reino, tendo governado durante sete anos, em 1650, perdeu-se o navio em que vinha, de que era capitão de mar e guerra Álvaro de Carvalho, e dando à costa em Buarcos morreu afogado. Deixou por seu herdeiro a seu irmão Fernão Teles e instituiu umas capelas na Misericórdia de Lisboa e deixou outros legados pios. Não casou nem teve sucessão. (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1951) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo IX, p. 334-336).

⁹⁸ Lisboa: por Antonio Alvarez.

⁹⁹ Lisboa: em casa de Manuel Juan.

¹⁰⁰ Lisboa: por António Gonçalves.

¹⁰¹ Lisboa: Pedro Craesbeeck.

¹⁰² Lisboa: por Antonio Alvares.

– a Nossa Senhora da Conceição, «protectora deste Reyno de Portugal», dedicou Fr. Luís de Mértola (O.C.) o *Extracto dos processos que se tirarão por ordem dos illustrissimos ordinarios na forma do direito sobre a vida e morte do veneravel padre Antonio da Conceição, religioso da congregação de S. João Evangelista* (1647)¹⁰³ e D. Juliana Maria de Santo António a tradução do P. Gaspar de Santo António de *La dichosa peregrina Santa Brigida de Suécia, princeza de Nericia* (1714)¹⁰⁴;

– a Nossa Senhora da Encarnação dedicou Nuno Barreto Fuzeiro a *Vida da gloriosa virgem a madre Santa Theresa de Jesus* (1691)¹⁰⁵;

– à Virgem Maria dedicou António Lopes Cabral (O. Cristo) a tradução da *Vida da Magdalena no estado de pecadora, amante e penitente* (1695)¹⁰⁶, de Anton Giulio Brignole Sale;

– a Nossa Senhora do Rosário dedicou António Álvares Carvalho a *Vida da gloriosa Infanta Santa Quitéria Virgem, e Martyr prodigio da graça, natural da augusta, e nobilíssima Cidade de Braga Primaz das Espanhas* (1712)¹⁰⁷;

– a «Maria Santissima, Rainha da gloria» dedicou o P. João Antunes Monteiro o *Breve compendio da prodigiosa vida, e estupendos milagres do glorioso Arcebispo de Myra S. Nicolao taumaturgo, advogado universal de todos os pecadores* (1720)¹⁰⁸;

– A Nossa Senhora da Vitória dedicou Francisco Afonso de Chaves e Melo *A Margarita animada, idea moral, politica e historica de tres estados, discursada na vida da veneravel Margarida de Chaves, natural da cidade de Ponte Delgada na ilha de S. Miguel* (1723)¹⁰⁹;

– o *Ceo mystico. A gloriosíssima senhora Santa Ana* (1725)¹¹⁰, do P. Sebastião Azevedo (C.O.);

– a Nossa Senhora do Alecrim dedicou Francisco Gomes de Sequeira a *Vida do Padre Antonio de Almeida Villanova, chamado vulgarmente o Padre dos Terços, reformador que foy do methodo de rezar em vos alta o terço de Nossa Senhora em as igrejas, oratorios, cazas particulares, etc.* (1735)¹¹¹;

– a Nossa Senhora dos Remédios dedicou Domingos Dias Seixas as *Memorias da vida e virtudes da Madre Soror Anna de S. Joaquim, religiosa professa da Ordem da Santissima Trindade, elucidadas com reflexões mysticas* (1740)¹¹²;

– a Nossa Senhora da Graça dedicou Soror Madalena da Glória, sob o

¹⁰³ Lisboa: por Antonio Alvares.

¹⁰⁴ Lisboa: por Antonio Pedrozo Galvão.

¹⁰⁵ Lisboa: por Francisco Villella.

¹⁰⁶ Lisboa: por Miguel Deslandes.

¹⁰⁷ Lisboa: na Officina Real Deslandesiana.

¹⁰⁸ Lisboa Occidental: na Officina de Pascoal da Sylva.

¹⁰⁹ Lisboa: por Antonio Pedroso Galvão.

¹¹⁰ Lisboa: por António Pedroso Galvão.

¹¹¹ Lisboa: por Miguel Rodrigues.

¹¹² Coimbra: por António Simões.

pseudónimo de Leonarda Gil da Gama, a *Águia real, feniz abrazado e pelicano amante. Historia panegirica e vida prodigiosa do ínclito patriarcha que alcançou ouvir da boca de Deos o titulo de grande, Santo Agostinho* (1744)¹¹³;

– a Nossa Senhora da Penha de França foi dedicada a *Vida de D. Nuno Alvares Pereira, segundo Condestável de Portugal (...) Progenitor da Casa Real, pela Serenissima de Bragança, em Portugal, ascendente das de Castella, França, Austria, Saboya, e os mais dos Monarcas, Soberanos, Principes, Potentados, Senhores, e ilustres familias da Europa* (1723)¹¹⁴, de Fr. Domingos Teixeira (O.E.S.A.);

– a Nossa Senhora do Rosário dedicou a clarissa soror Madalena da Glória, sob o pseudónimo Leonarda Gil da Gama, o *Astro brilhante em novo mundo, fragrante flor do Paraíso plantada no jardim da America. Historia panegyrica e vida prodigiosa de Santa Rosa de Santa Maria* (1733)¹¹⁵;

– À Província da Arrábida dedicou D. Francisco Manuel de Melo, *El mayor pequeño. Vida y muerte del serafin humano Francisco de Assis* (1647)¹¹⁶.

• A D. Francisco de Melo, I conde de Assumar e marquês de Vellescos¹¹⁷, dedicou Fr. Miguel Pacheco (O. Cristo) o *Epitome de la vida, acciones y milagros de Santo Antonio, natural de Lisboa* (1647)¹¹⁸, impressionado não tanto pelo culto e pela devoção que a Casa deste senhor revela por este santo, mas, sobretudo, para que o «rezo particular» que deste franciscano se imprimiu em Flandres, governando D. Francisco de Melo «las armas daquellos Estados», «se comunique à muchos: y para este efecto procuro por tantos médios se imprimiesse de nuevo en esta Corte».

• A Enrique Broier dedicou Tomás de Freitas Africano a tradução dos *Prodigios raros de altíssima perfeccion en la vida maravillosa de [...] Catalina*

¹¹³ Lisboa: na Officina Pinheirense da Musica e da sagrada religião de Malta.

¹¹⁴ Lisboa: na Officina da Musica.

¹¹⁵ Lisboa: na Officina de Pedro Ferreira.

¹¹⁶ Lisboa: por Manoel da Sylva. A edição de 1650 (Lisboa: por Manoel da Sylva) é também dedicada à Província da Arrábida.

¹¹⁷ D. Francisco de Melo, I conde de Assumar, era filho de D. Constantino de Bragança e de D. Beatriz de Castro. Casou com D. Antónia de Vilhena, filha de Henrique de Sousa Tavares, I conde de Miranda, e de D. Mécia de Vilhena (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo X, p. 249). Foi membro do Conselho de Portugal, embaixador em Roma, e passou depois, com o mesmo cargo, para Viena de Áustria, cidade onde estava quando eclodiu a revolução de 1640. Continuando ao serviço de Espanha, tornou-se encarniçado inimigo da causa portuguesa, a ponto de ser um dos que mais influiu na prisão de D. Duarte de Bragança, irmão de D. João IV. Filipe IV concedeu-lhe, logo depois de 1640, o título de marquês de Vellescos e, em 1648, o de marquês de La Laguna. Foi, também ao serviço de Espanha, plenipotenciário em Vestefália, capitão-general da Sicília, de Aragão e da Catalunha e governador de Flandres. Comandou o exército espanhol na guerra contra a França e foi vencido na batalha de Rocroi, pelo príncipe de Condé (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. II, p. 328). D. Fernando de Melo e D. Álvaro de Melo, irmãos de D. Francisco, foram, respectivamente, bispo do Porto e conde de Moura.

¹¹⁸ Madrid: por Julian de Paredes.

Adorno (1647)¹¹⁹.

• A D. Rodrigo de Castro, I conde de Mesquitela¹²⁰, dedicou Francisco Barreto de Landim o *Panegyrico da sancta vida e gloriosa morte do grande Patriarcha S. João de Deus* (1648)¹²¹, impressionado pelas façanhas heróicas daquele senhor, «terror, & espanto de Atroposfera,/temeroso stupor do horrendo Marte,/cujo sublime nome, cujas glorias/por mais que digão, não dirão historias».

• A João Nunes da Cunha, I conde de São Vicente¹²², dedicou D. Francisco Manuel de Melo a primeira parte de *El fenis de Africa, Agustino Aurelio, obispo hiponense hallado entre las inmortales cenizas de su memoria* (1648)¹²³.

¹¹⁹ Lisboa: por Manuel de Sylva.

¹²⁰ D. Rodrigo de Castro (†1662) era filho de D. Rodrigo de Castro, alcunhado «o Ombrinhos», e de Maria Luís de Castro. D. Rodrigo de Castro foi senhor do morgado do Torrão e um dos primeiros capitães de cavalos que D. João IV nomeou em Janeiro de 1641. Em 1643, derrotou os espanhóis em Albuquerque; em 1646, atacou Valência de Alcântara, mas retirou, com elevadas perdas; no ano seguinte, foi nomeado governador das Armas das comarcas da Guarda, Pinhel, Lamego e Esgueira. Em 1649, fez nova incursão na direcção de Ciudad Rodrigo, na vizinhança da qual queimou o lugar de Sabugo, a duas léguas da mesma. Em coordenação com as forças de D. Sancho Manuel, as forças sob o seu comando saquearam e incendiaram repetidas vezes povoações fronteiriças. A vila de Bódio foi por ele tomada e saqueada, sendo degolados o governador e quarenta soldados que resistiram. A crueldade demonstrada por D. Rodrigo nos actos de guerra fez com que D. João IV mandasse devassar do seu procedimento e do de alguns oficiais seus. Da devassa não resultou culpa relevante, mas enquanto o rei viveu não tornou a exercer o governo da província. Em 1657, retomou, com êxito, a sua série de feitos militares de fronteira e em 1658 foi nomeado mestre-de-campo-general para comandar a infantaria e a artilharia do Alentejo. Passou depois a governador das Armas de Trás-os-Montes; tomou também parte na batalha das Linhas de Elvas. Depois desta campanha, voltou para Trás-os-Montes, onde voltou a exercer o governo militar, e deteve várias investidas dos espanhóis contra o reino português. Em 1662, foi nomeado governador das Armas do Alentejo e, no mesmo ano, ingressou no Conselho de Guerra. Casou com D. Catarina Maria de Meneses, filha de D. António de Sousa, comendador de Santa Marta de Viana, na Ordem de Cristo, e de sua mulher, D. Maria de Meneses; c.g. (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. II, p. 738-739).

¹²¹ Lisboa: por Manuel da Silva.

¹²² João Nunes da Cunha (1619-1668), I conde de São Vicente, era filho de Nuno da Cunha, senhor dos morgados da Coutadinha e Landeira e restaurador da Baía nas guerras contra os holandeses (1625), e de sua mulher, D. Francisca de Lima, filha esta de D. João Gonçalves de Ataíde, IV conde de Atougua, e de D. Maria de Castro e tia de D. Madalena de Castro, condessa da Torre (filha de sua irmã, D. Joana de Castro, dedicatária da *Arte de Orar* (1630), do P.^o Diogo Monteiro (S.J.), e de D. Francisco de Sá de Meneses, II conde de Penaguão), a quem Pedro da Cruz Juzarte (O.C.D.) ofereceu a sua *Tresladação do veneravel Padre Fr. Estêvão da Purificação, da villa de Moura, com addiçoens espirituas em que ocupou o tempo, maravilhas que obrou, veneração que se pode dar à sua imagem e reliquias; doze cartas a pessoas diferentes* (1662). Foi deputado da Junta dos Três Estados, gentil-homem da Câmara do príncipe D. Teodósio e depois de D. Afonso VI e do príncipe-regente D. Pedro, governador da Casa de D. Teodósio, conselheiro da Guerra, conselheiro de Estado de D. Afonso VI e do príncipe-regente D. Pedro, senhor de Gestaçõ, Panóias, do morgado da Coutadinha e do de Refóios, comendador de Castelejo, São Romão do Erdal e Santa Maria de Vouzela, na Ordem de Cristo, censor e presidente da Academia dos Generosos. Foi nomeado, a 11-III-1666, XXX vice-rei da Índia. Organizou uma grande armada que mandou para o estreito de Ormuz com o propósito de derrotar os árabes e tomar Mascate, empresa que falhou devido a uma tempestade violenta que dispersou a esquadra. Preparava novos empreendimentos militares quando a morte o surpreendeu. Casou com D. Isabel de Bourbon, filha de D. Luís de Lima Brito e Nogueira, II conde dos Arcos, e de sua mulher, Victoire de Cardaillac, c.g. (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. III, p. 356).

¹²³ Lisboa: por Paulo Craesbeeck.

• A D. Francisco de Faro e Noronha, VII conde de Odemira¹²⁴, dedicou o impressor Paulo Craesbeeck *La caída para levantarse. El ciego para dar vista. El montante de la Iglesia en la vida de San Pablo Apostol* (1648)¹²⁵, de Francisco de Quevedo y Villegas, realçando que considerou «ufano» que por sua «industria se juntasse al mejor montante de la Fè, que resplandece en las manos del Apostol, la mejor espada de la Patria, que reluce» nas mãos daquele grande senhor, «porquien ella espera vitorias, S. Magestad seruicios, el mundo admiraciones».

• Ao P^o. D. Fr. Luís de Sousa, «Don Abbad del Real Conuento de Alcobaça, y Limosnero mayor de Sua Magestad»¹²⁶, dedicou D. Francisco Manuel de Melo a segunda parte de *El fenis de Africa, Agustino Aurelio, obispo hiponense hallado entre las inmortales cenizas de su memoria* (1649)¹²⁷.

• Ao P^o. São Teotónio dedicou D. Timóteo dos Mártires (C.R.S.A.) a tradução da *Vida do bemaventurado padre Santo Theotonio primeiro prior do real mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra, de Conegos Regulares do patriarcha Sancto*

¹²⁴ D. Francisco de Faro e Noronha (†1661), VII conde de Odemira, era filho de D. Estêvão de Faro, II conde de Faro, e de sua mulher, D. Guiomar de Castro, filha dos IV barões de Alvito (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. II, p. 578). D. Francisco de Faro e Faro veio a herdar a Casa dos condes de Faro por morte de sua sobrinha, D. Juliana de Faro, filha dos III condes de Faro e, sucessivamente, duquesa de Caminha e condessa de Unhão, pelos seus casamentos com o II duque de Caminha e o II conde de Unhão, ambos s.g.. A morte do VI conde de Odemira, sem sucessão, fez vagar para a Coroa a grande Casa que lhe pertencia e D. João IV, para premiar os serviços de D. Francisco, parente consanguíneo do último conde, renovou nele a mercê com a posse de toda a Casa e honras inerentes a ela, entre as quais o tratamento de «sobrinho de El-Rei». A razão da boa-vontade régia fora a sua constante adesão à causa nacional contra os espanhóis, tendo sido dos que logo de início tomaram voz por D. João IV. «Já em 1625 se portara galhardamente na restauração da Baía, ocupada pelos holandeses. Entrando para o Conselho de Estado, foi ministro de grande valimento junto de D. João IV e, depois da morte deste soberano e durante a regência de D. Luísa de Gusmão, o chefe incontestado do chamado «partido velho», ao qual se opunha o «partido novo» de que o Conde de Cantanhede era a figura marcante. Apesar dos desejos de conciliação da Rainha-Regente, que a levaram a fazer um governo no qual entravam os chefes das duas facções adversas, o «partido velho» perdeu terreno e o Conde de Odemira, retirado da política activa, conservou apenas a honrosa e difícil missão de preceptor e aio do jovem Rei D. Afonso VI. A natureza deste e as péssimas companhias que sempre buscou tornaram baldados os esforços do Conde para lhe dar uma boa formação para o seu estado de Rei. De facto nunca conseguiu a menor influência no ânimo do seu real pupilo» (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. III, p. 67). Foi senhor das vilas de Penacova e Mortágua, alcaide-mor de Alvor, senhor do Paul de Muge e comendador de seis comendas na Ordem de Cristo. Casou com D. Mariana da Silveira, filha herdeira de Francisco Soares, o fidalgo *da Cotovia*, por ser senhor do prazo desse nome em Lisboa; c.g. (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. III, p. 67). A D. Francisco de Faro e Noronha dedicou também o P^o. Lucas de Andrade a edição de 1656 das *Advertencias Spirituaes para mais agradar a Deos Nosso Senhor. Com hum exercicio pera depois da sagrada Comunhão* (por Antonio Alvarez), compostas por seu pai, Luís Alvarez de Andrade.

¹²⁵ Lisboa: por Paulo Craesbeeck.

¹²⁶ D. Fr. Luís de Sousa era filho de Luís de Sousa Ribeiro de Vasconcelos, alcaide-mor e comendador de Pombal e senhor de Mouta Santa, e de D. Maria de Moura e Távora, dama da rainha D. Margarida de Áustria, filha de Fernão Rodrigues de Almada, provedor da Casa da Índia e do Conselho de el-rei. «Foy Monge de S. Bernardo. D. Abbadé Geral da sua Religião, Esmolero mor, do Conselho delRey, Governador do Arcebispado de Evora, eleito Bispo do Portor» (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1951) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo IX, p. 126-127).

¹²⁷ Lisboa: por Paulo Craesbeeck.

Agostinho. Escrip̃ta em latim por um religioso contemporaneo e discipulo do mesmo sancto. Traduzida em nosso vulgar portuguez, e juntas as vidas de outros sanctos e sanctas, coligidas de diversos e graves autores (1650)¹²⁸.

• Ao «Deão, Dignidades, & Cónegos, Cabido da Santa See Cathedral» do bispado de Coimbra dedicou Pedro Henriques de Abreu *A vida e martyrio de S. Quitéria e de suas oito irmãs, todas nascidas de hum parto, portuguezas e prothomartyres de Hespanha* (1651)¹²⁹.

• A D. Julio Rospigliosi, Arcebispo de Tarso e Nuncio Apostólico «en los reynos de España, por la Santidad de nuestro Beatissimo Padre Inocencio X», dedicou António Vasques *San Filipe Neri: Epitome de su vida delo que della han escrito authores diversos* (1651)¹³⁰.

• Ao P. Vincentio Caraffa, «Praeposito Geral da Companhia de Jesus», dedicou o P. António Fernandes (S.J.) a tradução da *Vida da Santissima Virgem Maria, mãe de Deus, senhora nossa* (1652)¹³¹.

• A Salvador Correa de Sá e Benavides, do Conselho de Guerra e Ultramarino do reino português¹³², dedicou o P. Simão de Vasconcelos (S.J.) a *Vida do P. João de Almeida da Companhia de Jesus da provincia do Brasil* (1656)¹³³, realçando a sua ligação à Companhia de Jesus e muito em particular a sua devoção a este sacerdote jesuíta: «como Deos Nosso Senhor tomou a grandes Principes na Europa por meio pera fundar, & aumentar a Companhia, assi dispoz na America, que os Illustrissimos Sàs fossem dos primeiros, & maiores Bemfeitores della...»; «V. S. encomendando ao Bom P. Ioam d'Almeida, objecto desta Historia, o Negociar com Deos no Rio de Janeiro o Despacho, que teue em

¹²⁸ Coimbra: por Manuel de Carvalho.

¹²⁹ Coimbra: por Manuel Carvalho.

¹³⁰ Madrid: por Gregorio Rodrigues.

¹³¹ Goa: no Collegio de S. Paulo.

¹³² Salvador Correa de Sá e Benavides (1602-1688), alcaide-mor da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, almirante da costa do sul e Rio da Prata, superintendente em todas as matérias de guerra da dita costa, governador da capitania do Rio de Janeiro, administrador de todas as minas do Brasil, conselheiro dos conselhos de Guerra e Ultramarino, restaurador e governador de Angola, era filho de Martim Correia de Sá, governador do Rio de Janeiro, e de Maria de Mendoza y Benavides (cf. FELGUEIRAS GAYO, Manuel José da Costa (1989) — *Ob. cit.*, vol. IV, p. 439). É importante notar que sempre manteve as melhores relações com os padres da Companhia de Jesus, pondo-se ao lado daqueles missionários no magno problema da liberdade dos Ameríndios, e teve carta de irmandade em 1648. Fundou, em Santos, o colégio jesuíta de São Miguel. Em 1663, voltou a Portugal e tomou o partido do conde de Castelo Melhor na revolução palaciana de 1667. Assim, caiu no desagrado do príncipe regente durante algum tempo, até que, favorecido pelos jesuítas do colégio de São Roque (onde estava recluso), a má vontade desapareceu e ele voltou a ocupar o seu cargo de conselheiro ultramarino (cf. *Salvador Correia Sá e Benavides*. In SERRÃO, Joel (coord.) — *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas, 1992, vol. 5, p. 400-401). Simão de Vasconcelos, no «Livro terceiro» da *Cronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, tece rasgados elogios a esta família dos Sás. Veja-se também: NORTON, Luis (1943) — *A Dinastia dos Sás no Brasil (1558-1662)*. Lisboa: Divisão de Publicações e Bibliotecas/Agência Geral das Colónias, p. 23-148.

¹³³ Lisboa: na Oficina Craesbeeckiana.

Angola¹³⁴. Elle persuadiu a V. S. a apressada Partida do Rio de Janeiro contra os Pareceres de muitos, & ainda Interesses de V. S. enchendo a V. S. de tam firmes esperanças da vitoria, como de couza, que o P. tinha ja despachada com Deos. Com este, & muitos outros Casos particulares, que na Historia se verèm, mostrou o P. Ioam d'Almeida quanto à sua conta tinha o usar de sua valia com Deos para as Felicidades de V. S.».

• A D. Inês Antónia de Távora¹³⁵ ofereceu Diogo Gomes Carneiro a tradução da *Historia do Capuchinho Escocez* (1657)¹³⁶ de Giovanni Battista Rinucini, arcebispo de Fermo.

• A D. Jorge Luís Mascarenhas de Menezes, II Conde de Serém, «do Conselho de Sua Magestade, Marichal dos reynos de Portugal, senhor das villas de Cerèm, & Prestimo Commendador das villas de Pusos, Casais do Porto de Mendo, São Salvador do Campo de Neiva, Villa Cova, Santo Estevão d'Aldroins, São João de Brito, Sam-Tiago de Torres Vedras, Montalvão, & Alcaide mòr da mesma Villa»¹³⁷, dedicou Fr. António Correia (O.SS.T.) a *Fama posthuma do V. P. Fr. Antonio da Conceição Trinitario* (1658)¹³⁸, nela acentuando o facto de ter sido este senhor o mandatário da obra, pois este «ensauiu os primeiros alentos de sua vida» com «os dictames» da «espiritual doutrina» daquele virtuoso religioso, ainda que a sua pouca idade não lhe permitisse «imitar exemplos alheios».

• A D. João Mascarenhas, «Conde de la Torre, del Consejo de su Magestad,

¹³⁴ Com o objectivo de resolver a questão dos holandeses em África, o Conselho Ultramarino, em 1647, decidiu organizar uma armada, sob o seu comando, então nomeado governador de Angola. Com a rendição dos holandeses, recuperou Luanda, Benguela e S. Tomé.

¹³⁵ D. Inês Antónia de Távora era filha de Luís Francisco de Oliveira e Miranda, XI senhor dos morgados de Oliveira, Sobrados e Patameira, comendador de Santa Eulália, na Ordem de Cristo, e de D. Luísa de Távora (filha esta de Álvaro Pires de Távora, senhor do morgado e Torre de Caparica, e de D. Maria de Lima). Depois de viúva, D. Luísa de Távora fundou o mosteiro da Conceição dos Cardais, de religiosas carmelitas descalças, em Lisboa, «onde viveu, tendo o habito de Santa Theresa, sem professar, para com as rendas da Casa da Caparica, de que era senhora, o poder acabar» (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo XI, p. 135). D. Inês Antónia de Távora casou com João de Saldanha de Sousa, senhor do morgado de Barcarena e de Quinta da Azinhaga, comendador de São Martinho de Santarém, da Torre e de Santa Maria de África, na Ordem de Cristo; foi mestre-de-campo na batalha de Montijo, tenente-general da cavalaria da provincia da Beira, governador das Armas de Setúbal e deputado da Junta dos Três Estados. Entre os vários filhos que nasceram deste matrimónio, contam-se D. Helena de Lencastre, religiosa carmelita, e D. Maria, religiosa da Ordem de São Domingos no mosteiro do Sacramento de Lisboa. D. Inês Antónia de Távora, depois de viúva, foi dama de D. Catarina de Bragança, rainha da Grã-Bretanha (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo XI, p. 143-144).

¹³⁶ Lisboa: por Henrique Valente de Oliveira.

¹³⁷ D. Jorge Mascarenhas, II conde de Serém, era filho único de D. Fernando Mascarenhas, I conde de Serém, e de D. Leonor de Meneses. Foi marechal do Reino (1650), senhor das vilas de Serém e de Albergaria e do morgado de Aitão. Morreu solteiro e s.g. (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. III, p. 371). D. Leonor de Meneses, sua mãe, foi uma das «filhas espirituais» de Fr. António da Conceição, como relembra Fr. António Correia na «Vida» do religioso trinitário.

¹³⁸ Lisboa: por Henrique Valente de Oliveira.

de la Orden de Christo, de las Encomiendas de Santiago, de Fuente Arcada, Villa del Rosmaniñal, San Martin de Cambres, y San Martin de Pindo, Señor de los lugares de Corulin, y Verondá en el Estado de la India Oriental, Mestre de Campo, y Governador de la Plaça de Campo Mayor en la Provincia de Alentejo»¹³⁹, dedicou Fr. Francisco Carvalho a *Historia de la vida, muerte y milagros de fr. Juan de Dios* (1658)¹⁴⁰, de D. Fr. António de Gouveia (O.E.S.A).

- A Santo António dedicou o impressor Henrique Valente de Oliveira o *Epítome de la vida, acciones y milagros de Santo Antonio, natural de Lisboa* (1658)¹⁴¹, de Fr. Miguel Pacheco (O. Cristo).

- A todos os religiosos da Companhia de Jesus dedicou o P. Sebastião de Abreu (S.J.) a *Vida e virtudes do admiravel Padre João Cardim, portuguez da Companhia de Jesus* (1659)¹⁴², realçando que esta é «a perfeita vida de hum mancebo secular, & estudante até idade de vinte, & seis annos, tam ajustada com as leys Divinas, que pode servir de exemplar aos mais perfeitos, & particularmente a todos os que desejão viver no mundo christãmente, com que os nossos Mestres podem instituir a seus discípulos propondolhes por modelo de suas vidas a que fez hum mancebo bem nacido estudante na Universidade em todo o tempo de seus estudos».

- Ao papa Alexandre VII dedicou Fr. João da Conceição Macedo a *Vita*

¹³⁹ D. João Mascarenhas (†6/09/1681) foi I marquês de Fronteira, II conde da Torre, Senhor do Morgado de Gocharia, comendador de Santiago de Fonte-Arcada, S. Julião do Rosmaninhal, S. Nicolau de Carracedo, S. João de Castelães, S. Martinho de Cambres, etc. na Ordem de Cristo, do Conselho de Estado e Guerra, Gentil-homem da Câmara do rei D. Pedro II, sendo Príncipe Regente, de quem foi muito favorecido, era filho de D. Fernando Mascarenhas, I conde da Torre, e de D. Maria de Noronha (filha esta de D. Luís Lobo da Silveira e de D. Joana de Lima). Era filho segundo dos primeiros condes da Torre, pois o primogénito foi assassinado por D. Diogo de Eça, em 1649. Serviu na guerra com reputação na província de Alentejo, sendo mestre de campo de infantaria, em 1657; achou-se no assalto de Badajoz, na empresa de Valença de Alcântara, recuperação de Mourão e sítio de Badajoz. Foi mestre de campo general da província do Minho, donde passou para general da cavalaria da província de Alentejo, posto que ocupou na campanha do ano de 1662. Achou-se na batalha do Canal, governando um das linhas do exército, e depois na de Montes Claros, em 1665, tendo o seu valor e disposição muita parte naquela vitória (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo XII-Parte I, p. 18). Foi o fundador da Casa de Benficia, dos marqueses de Fronteira, uma das mais artísticas e opulentas residências dos grandes senhores, em Portugal, em grande parte ampliada e transformada pelo V marquês (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. II, p. 623-624). Casou com D. Madalena de Castro, dama do paço, que faleceu a 10 de Setembro de 1673, última filha de D. Francisco de Sá de Meneses, II conde de Penaguião, camareiro-mor dos reis Filipe IV e D. João IV, senhor de Sever e alcaide-mor do Porto, e de D. Joana de Castro, filha de D. João Gonçalves de Ataíde, IV conde de Atouguia, comendador de Andufe na Ordem de Cristo, Gentil-homem de boca de Filipe II, e de D. Mariana de Castro, dama da imperatriz D. Isabel, filha de Martim Afonso de Miranda, camareiro-mor do infante Cardeal D. Henrique, alcaide-mor de Monte Agraço, e de D. Joana de Lima. D. Joana de Castro foi dama da rainha D. Margarida de Áustria (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo XII-Parte I, p. 16-17, e ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. III, p. 112).

¹⁴⁰ Lisboa: Henrique Valente de Oliveira.

¹⁴¹ Lisboa: por Henrique Valente de Oliveira.

¹⁴² Evora: na Oficina da Universidade.

sanctorum Ioannis de Matha et Felicis de Valois (1660)¹⁴³, de Fr. Francisco de Santo Agostinho (O.F.M.).

- À venerável Congregação da Cadeia dos Escravos da Virgem Nossa Senhora sita na igreja de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa dedicou Fr. Manuel das Chagas (O.C.) a *Vida, virtudes e morte do Irmam Fr. João de Sam-Sam, carmelita calçado* (1662)¹⁴⁴.

- A D. Nuno Álvares Pereira, Condestável de Portugal, dedicou, a título póstumo, e a D. Madalena de Castro, condessa da Torre¹⁴⁵, ofereceu Fr. Pedro da Cruz Juzarte (O.C.D.) a *Tresladação do veneravel Padre Fr. Estêvão da Purificação, da villa de Moura, com addiçoens espirituas em que ocupou o tempo, maravilhas que obrou, veneração que se pode dar à sua imagem e reliquias; doze cartas a pessoas diferentes* (1662)¹⁴⁶.

- A Manuel de Faria e Silva, Fidalgo da Casa de sua Majestade, dedicou o Pe. António da Silva (S.J.) o *Sol do Oriente S. Francisco Xavier da Companhia de Jesus do qual como em breve Mappa descreve os dez annos da sua milagrosa vida no Oriente* (1665)¹⁴⁷.

- Ao abade Giacomo Rospigliosi¹⁴⁸ dedicou Francisco de Santo Agostinho Macedo (O.F.M.) a *Vita Teresiae Reginae Legionis* (1667)¹⁴⁹.

- A D. Francisco de Melo de Torres, I marquês de Sande, I conde da Ponte e embaixador de Portugal em França e Inglaterra¹⁵⁰, dedicou D. Fr. Cristovão de Almeida a tradução da segunda parte da *Historia do Capuchinho Escosés*

¹⁴³ Roma: Ângelo Barnabò à Verme.

¹⁴⁴ Lisboa: por Antonio Craesbeeck de Mello.

¹⁴⁵ D. Madalena de Castro, dama do paço, faleceu a 10 de Setembro de 1673 e era a última filha de D. Francisco de Sá de Meneses, II conde de Penaguião, camareiro-mor dos reis Filipe IV e D. João IV, senhor de Sever e alcaide-mor do Porto, e de D. Joana de Castro, filha de D. João Gonçalves de Ataíde, IV conde de Atouguia, comendador de Andufe na Ordem de Cristo, Gentil-homem de boca de Filipe II, e de D. Mariana de Castro, dama da imperatriz D. Isabel, filha de Martim Afonso de Miranda, camareiro-mor do infante Cardeal D. Henrique, alcaide-mor de Monte Agraço, e de D. Joana de Lima. Casou com D. João Mascarenhas, I marquês de Fronteira e II conde da Torre, dedicatário da *Historia de la vida, muerte y milagros de fr. Juan de Dios* (Lisboa: Henrique Valente de Oliveira, 1658), de Fr. António de GOUVEA (O.S.A.). Cf. SOUSA, D. António Caetano de (1951) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo IX, p. 258; ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. II, p. 624.

¹⁴⁶ Lisboa: por Henrique Valente de Oliveira.

¹⁴⁷ Lisboa: por Antonio Craesbeeck de Mello.

¹⁴⁸ Giacomo Rospigliosi era sobrinho de Giulio Rospigliosi, que foi o papa Clemente IX.

¹⁴⁹ Roma: Filipo Maria Mancini.

¹⁵⁰ D. Francisco de Melo e Torres (†1667), único marquês de Sande e I conde da Ponte, era filho de Garcia de Melo e Torres, capitão de Sofala, cavaleiro da Ordem de Cristo e vedor da Fazenda, na Índia, e da sua segunda mulher, D. Margarida de Castro. D. Francisco de Melo e Torres foi senhor das vilas de Sande e da Ponte, comendador de São Salvador de Fornelos, Santiago da Grilha e outras, na Ordem de Cristo, alcaide-mor de Terena, dos conselhos de estado e da guerra, governador de Olivença, general de artilharia, entre 1648 e 1656, e diplomata na Grã-Bretanha. Casou com D. Leonor Manrique, filha de Afonso de Torres, comendador de Montemor-o-Novo, na Ordem de Cristo, e Violante de Mendonça (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. III, p. 283-285).

(1667)¹⁵¹, de Giovanni Battista Rinucini, em primeiro lugar, em sinal de gratidão pelo «grande amor» que aquele senhor tinha «aos filhos desta sagrada Religião, cujas heroicas virtudes» louvou ao tradutor, e, em segundo lugar, por ser a «Vida» de um escocês, «porque bem sabe o mundo o grande emparo» que achavam no dedicatário «todos os Estrangeiros».

• À rainha D. Luísa de Gusmão¹⁵² foram dedicadas as seguintes obras:

– *Virginidos, ou Vida da Virgem Nossa Senhora* (1667)¹⁵³, por Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcelos;

– a *Vida de Sam Joam Evangelista* (1682)¹⁵⁴, por Nuno Barreto Fuzeiro.

• A D. Pascoal de Aragão, «Cardenal de la Santa Iglesia de Roma, de el Titulo de Santa Balbina, Protector de España, Arçobispo de Toledo, Primado de las Españas, Chanciller mayor de Castilla, a el Consejo de Estado, y de la Iunta del Gobierno» dedicou Fr. Simão de Castelo Branco (O.E.S.A.) as *Virtudes y milagros en vida y muerte del B. P. Fr. Juan de Sahagun* (1669)¹⁵⁵.

• A D. Francisco Barreto, «do Concelho de Sua Magestade, e do Geral do Santo Officio, Cónego na Santa Sé de Lisboa, e Bispo nomeado do Reyno do Algarve», dedicou Carlos do Vale a segunda parte dos *Discursos predicaveis sobre a vida, virtudes e milagres do gigante dos Menores, Hércules Portuguez, divino Atlante Santo Antonio* (1669)¹⁵⁶, de Jerónimo Coelho.

• A Giovanni Paolo Oliva, Prepósito Geral da Companhia de Jesus, dedicou o Pe. António de Macedo a *Vita P. Joannis de Almeyda Societ. Jes. Praesbytery Provinciae Brasiliensis* (1669)¹⁵⁷.

• A São João Evangelista dedicou António Lopes Cabral (O. Cristo) a tradução de *Sam Ioam Baptista* (1670)¹⁵⁸, de Giuseppe Battista.

¹⁵¹ Lisboa: por Domingos Carneiro.

¹⁵² D. Luísa de Gusmão era a terceira filha de D. Manuel Alonso Pérez de Guzmán, VIII duque de Medina Sidónia, e de D. Juana Lorenza Gómez de Sandoval y la Cerda (filha esta de D. Francisco de Sandoval y Rojas, I duque de Lerma, dedicatário da *Historia do bem-aventurado S. João de Sahagun, patrão salamtino* (1609), de Pedro de Mariz, e de D. Catalina de La Cerda). Casou com o rei D. João IV (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1949) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo VII, p. 135). A D. Luísa de Gusmão foram também dedicadas outras obras que se inscrevem no filão da literatura de espiritualidade, tais como: a primeira parte da *Chronica da antiqúissima Provincia de Portugal da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho Bispo de Hipponia, & principal Doutor da Igreja* (Lisboa, por Manoel da Sylva, 1642), por Fr. António da PURIFICAÇÃO (O.E.S.A.); os *Montes de Coroas de Santo Agostinho nelle, e na sua eremítica Família recebidas* (Lisboa, na Officina de Henrique Valente de Oliueyra, 1663), por Fr. António da NATIVIDADE (O.E.S.A.). Sobre a figura desta rainha, veja-se a recente obra de VALLANCE, Monique (2012) — *A rainha restauradora. Luísa de Gusmão*. Círculo de Leitores.

¹⁵³ Lisboa: por Diogo Soares Bulhões.

¹⁵⁴ Lisboa: por João Galvão.

¹⁵⁵ Madrid: Imprenta Real.

¹⁵⁶ Lisboa: por Domingos Carneiro.

¹⁵⁷ Patavii.

¹⁵⁸ Lisboa: na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello. A edição de 1691 (Lisboa: por Bernardo da Costa Carvalho) é também dedicada ao mesmo Santo.

• A D. Alexandre da Silva, «Inquisidor à el supremo Consejo, i Canonico dela Cathedral de Braga», dedicou Fr. António de Escobar (O. C.) *El heroe portugues. Vida, haçañas, vitorias, virtud i muerte del Excellentissimo señor, el señor Don Nuno Alvarez Pereira* (1670)¹⁵⁹.

• A D. Catarina, rainha da Grã-Bretanha¹⁶⁰, dedicou António de Sousa de Macedo o *Építome panegyrico de la vida admirable, y muerte gloriosa de S. Rosa de Santa Maria, virgen dominicana* (1670)¹⁶¹, baseado não só na «Caridade com que em Inglaterra se procurou, sem se conseguir, a tradução da Historia da vida de S. Rosa Virgem Dominicana, que está impressa em Latim», mas também na devoção com que aquela senhora «alcançou Jubileo na sua Real Capella para o dia desta Santa»¹⁶². A esta rainha dedicou também o P. Manuel Luís (S.J.) o *Theodosius Lusitanus, sive Principis Perfecti vera effgies* (1680)¹⁶³.

• Ao P. Fr. Aires da Silva, «Presentado em a sagrada Theologia, Provincial da Ordem de Nossa Senhora do Carmo», dedicou Fr. António de Escobar (O.C.) a *Vida de Santo Ângelo Martyr Carmelita* (1671)¹⁶⁴.

• À senhora D. Maria¹⁶⁵ dedicou Fr. José Sottomayor, provincial da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, *A cortesã da gloria ou vida da beata Verónica, religiosa do convento de Santa Marta de Milão da Ordem de S. Agostinho* (1671)¹⁶⁶,

¹⁵⁹ Lisboa: por Diogo Suares de Bulhões.

¹⁶⁰ D. Catarina era filha de D. João IV e de D. Luísa de Gusmão. Casou com Carlos II de Inglaterra. Foi D. Catarina «ornada de excelentes virtudes, grande Christandade, e devoção, honesta, prudente, e entendida»; falava pouco, era liberal, benigna e grande esmolter; quando regressou a Portugal, fundou em Arroios, perto de Lisboa, uma Casa para os religiosos da Companhia de Jesus, para que nesta se formassem jovens para as missões da Índia (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1949) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo VII, p. 179; 186). Sobre esta senhora, veja-se também de TRONI, Joana Almeida (2008) — *Catarina de Bragança (1638-1705)*, Lisboa: Colibri.

¹⁶¹ Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello.

¹⁶² D. Catarina de Bragança foi, de facto, extremamente zelosa relativamente à promoção da fé católica na Grã-Bretanha, o que levou Pedro de Azevedo TOJAL a editar, em 1716, um poema heróico intitulado *Carlos Reduzido, Inglaterra Illustrada*.

¹⁶³ Eborae, ex Typographia Academiae.

¹⁶⁴ Lisboa: por João da Costa.

¹⁶⁵ D. Maria de Bragança (1644-1693) era filha bastarda de D. João IV. Viveu recolhida no mosteiro de Santa Teresa das carmelitas descalças de Carnide, próximo de Lisboa. D. João IV estimou muito a esta filha, «porque não só a declarou no seu testamento, mas nelle lhe fez merce da Comenda mayor da Ordem de Santiago e das villas de Torres Vedras e Collares, e dos lugares da Azinhaga, e Cartaxo, que juntamente fez logo villas com jurisdicção à parte, e estas doações de juro, e herdade para sempre, sogetas à Ley Mental» (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1949) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. ob. cit., tomo VII, p. 142). Além disto, o rei deu-lhe cinquenta mil cruzados em dinheiro para compor a sua casa. Os reis que se seguiram a D. João IV sempre a trataram com grande atenção, sobretudo seu irmão D. Pedro. D. Maria viveu sempre no mosteiro de Carnide, «em habito de religiosa, ainda que de materia mais fina. Fez a Igreja, que ornou com retabolos, e ricas alfayas, preciosa Custodia para expor o Santíssimo, em que gastou mais de cincoenta mil cruzados; mandou lavrar os dous Córos das religiosas, a que deu quarenta mil cruzados para se empregarem em renda para o Mosteiro, em que fez outras muitas obras de grande custo, de sorte que veyo a ser Padroeira delle, como o era do Mosteiro de religiosas da mesma Ordem no Lugar de Carnide da invocação de São João da Cruz» (cf. *Ob. cit.*, tomo VII, p. 141-143).

¹⁶⁶ Lisboa: por Antonio Craesbeeck de Mello.

de Fr. João Freire (O.E.S.A.), baseado não só no facto de ser esta senhora um «exemplar de perfeição, que pella abnegação das grandezas do mundo, pella contemplação das do Ceo, & pelo exercício de todas as virtudes» vivia em clausura.

- A Jorge da França, «fidalgo da Casa de Sua Alteza», dedicou Pedro Lobo Correia a tradução da *Vida de nosso pay Adão. Traduzida em portuguez (...) com um tratado para os mareantes e outras orações contra as tempestades* (1672)¹⁶⁷, de Francisco Loredano.

- Ao coronel Francisco Gil de Araújo¹⁶⁸ dedicou o P. Simão Vasconcelos (S.J.) a *Vida do veneravel Padre Jozé de Anchieta da Companhia de Jesus, thaumaturgo do Novo Mundo* (1672)¹⁶⁹.

- A D. Fr. Cristóvão de Almeida, bispo de Martiria¹⁷⁰, dedicou Manuel Carvalho a tradução do *Compendio da vida do glorioso Patriarcha S. Caetano Thiene* (1673)¹⁷¹.

- Aos irmãos da Ordem Terceira da Congregação do Real Convento de S. Francisco de Lisboa dedicou Fr. Manuel do Sepulcro (O.F.M.) a *Rosa franciscana. Tratado da prodigiosa vida da virgem Santa Rosa de Viterbo, professa da veneravel ordem terceira de S. Francisco* (1673)¹⁷².

- A Manuel Pimentel de Sousa, «do Conselho de Sua Alteza & do Geral do

¹⁶⁷ Lisboa: por António Craesbeck.

¹⁶⁸ Francisco Gil de Araújo, soldado desde 1635, já era alferes quando Nassau invadiu a Baía, em 1638, e governava naquela ocasião a companhia do mestre de campo D. Fernando de Lodena, com a qual defendeu o baluarte da banda do mar, tendo sido queimado no rosto e nas mãos por alcanzias que o inimigo lançou. Em 12 de Junho de 1639, era capitão. Foi, de facto, uma figura importante na sociedade colonial da época. Em 1660, foi juiz da Câmara da Baía: vendo a falta de dinheiro que havia para socorro da infantaria, assistiu-a com pontualidade todo aquele ano nos socorros de cada mês, com os subsídios dos vinhos e «restos dos tesoureiros e recebedores das imposições e fintas passadas, que cobrou sem lançar outras de novo ao povo, serviço esse muito digno de premio». Em 1674, comprou a António Luís Gonçalves da Câmara Coutinho, por quarenta mil cruzados, a donataria do Espírito Santo, confirmada por carta régia de 18 de Março de 1675. «Em outros serviços prestados ao Espírito Santo, sabe-se que trouxe da Bahia, onde tinha engenhos, muitos casaes de colonos, aos quaes doou terras, e tanto a estes, como aos antigos moradores, assistiu com cabedais para fornecerem seus engenhos e lavouras. Fundou a vila de Guarapari, consignando-lhe seis léguas de terras, que começavam na ponte da Fruta, e se contavam para o Sul, deferindo assim a petição que lhe fizeram os moradores desse districto, queixando-se-lhe de que a dez léguas da igreja mais próxima, com ruínas passagens de rios, morriam os pobres se confissão e pasto espiritual». Faleceu a 24 de Dezembro de 1685 (Cf. PORTO SEGURO, Visconde de — *História Geral do Brasil. Antes de sua separação e independência de Portugal*. 3ª edição integral. São Paulo / Rio de Janeiro: Companhia Melhoramentos de São Paulo, tomo III, p. 290, 299).

¹⁶⁹ Lisboa: por João da Costa.

¹⁷⁰ D. Fr. Cristóvão de Almeida (1620-1679) professou no convento dos Eremitas de Santo Agostinho de Évora, em 1637. Foi mestre da Ordem, qualificador do Santo Officio e examinador das três ordens militares. O príncipe-regente D. Pedro nomeou-o, em 1669, coadjutor do arcebispo de Lisboa, com o título de «bispo de Martíria». Foi um dos mais notáveis oradores do seu tempo, correndo impressas várias peças oratórias sacras da sua autoria, sob o título *Sermões* (tomo I, Lisboa, 1673; tomo II, Lisboa, 1680; tomo III, Lisboa, 1680; tomo IV, Lisboa, 1686). Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* — Ob. cit., vol. II, p. 41.

¹⁷¹ Lisboa: na Off. de Ioam da Costa.

¹⁷² Lisboa: por Antonio Rodrigues de Abreu.

Santo Officio, Conego prebendado na Sé de Coimbra», dedicou o impressor Pedro Vancibecerspel *A conversão miraculosa da feliz egípcia penitente Santa Maria. Sua vida e morte. Composta em redondilhas* (1674)¹⁷³, de Leonel da Costa.

- A D. Catarina Luísa de Meneses, filha dos condes de Vila Verde¹⁷⁴, dedicou Luís de Castanheda Raposo a reedição emendada da *Vida da serenissima princeza D. Joanna, filha delrey D. Affonso V, a qual viveo santamente no convento de Jesus de Aveiro* (1674)¹⁷⁵, de Fr. Nicolau Dias (O.P.).

- A D. Pedro II, ainda príncipe regente, dedicou D. Leonardo de São José a tradução da *Aureola da Corte Santa, Tratado segundo. Epitome da santa vida, e relação da gloriosa morte do Beato Pedro de Arbues, chamado communmente o Santo Mestre Epila, Inquisidor Apostolico de Aragão*, de Diogo Garcia de Transmieria (1674)¹⁷⁶ e D. Fernando Correia de Lacerda a *Historia da vida, morte, milagres, canonização e trasladação de Santa Isabel, sexta Rainha de Portugal* (1680)¹⁷⁷, o qual lhe ordenou a escrita da obra; sendo já monarca, foram-lhe dedicadas:

- a *Vida, virtudes e morte do veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas, franciscano* (1687)¹⁷⁸, pelo P. Manuel Godinho (S.J.), e a *Historia da vida do veneravel Irmão Pedro de Basto coadjutor temporal da Companhia de Jesus e da variedade de sucessos que Deos lhe manifestou* (1689)¹⁷⁹, pelo P. Fernando de Queirós (S.J.).

- A Manuel Teles da Silva, II conde de Vilar Maior e I marquês de Alegrete¹⁸⁰,

¹⁷³ Lisboa: por Pedro Vancibecerspel. A Manuel Pimentel de Sousa foi também dedicada a edição de 1672 do *Alivio de Tristes, & Consolaçam de Queixosos* (Lisboa: na Officina de Joam da Costa), de Mateus Ribeiro.

¹⁷⁴ D. Catarina Luísa de Meneses, ou de Noronha, (2.8.1657-21.10.1682) era filha de D. António de Noronha, I conde de Vila Verde (filho este de D. Pedro de Noronha e Sousa, IX senhor de Vila Verde, e de D. Juliana de Noronha) e de D. Maria de Meneses (filha esta de D. Duarte Luis de Meneses, II conde de Tarouca, e de D. Luísa de Castro (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo X, p. 382-383).

¹⁷⁵ Lisboa: por Francisco Villela.

¹⁷⁶ Lisboa: na Officina de Joam da Costa.

¹⁷⁷ Lisboa: por João Galvão.

¹⁷⁸ Lisboa: por Miguel Deslandes.

¹⁷⁹ Lisboa: por Miguel Deslandes.

¹⁸⁰ Manuel Teles da Silva (13-II-1641/12-IX-1709) era filho de Fernão Teles da Silva, I conde de Vilar Maior, e de sua mulher D. Mariana de Mendonça. Fernão Teles da Silva era filho de Luís da Silva, comendador e alcaide-mor de Seia e de Moura, na Ordem de Avis, do Conselho de Estado, vedor da Real Fazenda, e de sua mulher D. Mariana de Lencastre. Antes da Restauração serviu na Flandres e no Brasil. Em 1640 foi um dos conjurados aclamadores de D. João IV e um dos que prenderam a Duquesa de Mântua, vindo a distinguir-se na guerra da Restauração, em que tomou aos espanhóis Valverde e o castelo de Elges, atacou a Vila de São Martinho e a Aldeia do Bispo. Em Vale de la Mula derrotou-os e bateu-os de novo junto à Nave do Sabugal (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. III, p. 529). Manuel Teles da Silva foi coronel, comandante de um terço de ordenanças, tomou parte com valentia na tomada de Évora, depois da batalha do Ameixial. Nos dramáticos conflitos palacianos no tempo de D. Afonso VI, tomou partido pelo Infante D. Pedro, que depois o distinguiu com muitas honrarias. Foi regedor da Casa da Suplicação (1669), conselheiro de Estado e vedor da Fazenda (1672). Em 1686, foi encarregado de ir a Heidelberg buscar a princesa D. Maria Sofia de Neuburg, filha do Eleitor Palatino, que vinha casar com D. Pedro II. Por este motivo, foi distinguido com o título de marquês de Alegrete em 19-VIII-1687. Era notável latinista e em latim escreveu

foram dedicadas as seguintes obras:

– a *Virtuosa vida e santa morte da Princesa D. Joanna, reflexoens moraes e politicas sobre sua vida e morte* (1674)¹⁸¹ e a *Historia da vida do Bemaventurado Padre S. João da Cruz primeiro carmelita descalço: reflexões sobre algumas acções da sua vida a Historia da vida do Bemaventurado Padre S. João da Cruz primeiro carmelita descalço: reflexões sobre algumas acções da sua vida* (1680)¹⁸², ambas por D. Fernando Correia de Lacerda;

– Ao P^c. Fr. Francisco de San Antonio, Geral da Ordem da Hospitalidade, dedicaram os religiosos da mesma Ordem a *Vida del Santissimo Patriarcha S. Juan de Dios compuesta por Fr. Antonio de Gouvea Obispo de Cynera* (1674)¹⁸³, de Fr. António de Moura.

• A Santo Inácio de Loyola dedicou o impressor Domingos Carneiro *El peregrino Atlante S. Francisco Xavier, Apostol del Oriente. Epitome historico, y panegirico de su vida, y prodigios* (1674)¹⁸⁴, de Francisco de la Torre.

• A D. Juan José de Áustria¹⁸⁵ dedicaram os religiosos do convento de San Agustin de Saragoça a edição de 1674 de *El fenis de Africa. Vida de nuestro P. San Agustin* (1^a e 2^a partes)¹⁸⁶, de D. Francisco Manuel de Melo, manifestando a sua gratidão pelas muitas mercês que aquele senhor havia feito a esta casa religiosa e relembrando a sua piedosa devoção áquele santo fundador.

• A D. André Furtado de Mendonça, bispo de Miranda¹⁸⁷, dedicou Vitoriano Costa *El mayor entre los grandes: vida, muerte y milagros de S. Victorian* (1675)¹⁸⁸.

• A D. Luís de Meneses, III conde de Ericeira¹⁸⁹, dedicou Pedro Lobo

De Rebus Gestis Joannis II (Lisboa, 1689; Haia, 1712). Deixou manuscrito o principio de uma história, em latim, de D. João I, epístolas, epigramas, etc. Foi impressa uma carta sua em louvor da *Vida de Santa Isabel*, de Fernando Correia de Lacerda. Casou com D. Luisa Coutinho, filha de D. Brites de Meneses, III condessa de Sabugal, e de seu primeiro marido, D. Nuno Mascarenhas Costa, senhor de Palma (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. II, p. 222).

¹⁸¹ Lisboa: por Antonio Crasbeeck de Mello.

¹⁸² Lisboa: por Miguel Manescal.

¹⁸³ Madrid: por Roque Rico de Miranda.

¹⁸⁴ Lisboa: Domingos Carneiro.

¹⁸⁵ D. Juan José de Áustria (1629-1679) era filho natural de Filipe IV de Espanha e de Maria Inês Calderón y Velasco, acriz conhecida como *Calderona* (cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* — *Ob. cit.*, vol. XIV, p. 278).

¹⁸⁶ Zaragoza: por A. Verges.

¹⁸⁷ D. André Furtado de Mendonça (†21-07-1676), bispo de Miranda, era filho de João Furtado de Mendonça e de sua mulher, D. Madalena de Távora (filha esta de Álvaro de Sousa, senhor do morgado de Alcube, e de sua mulher, D. Francisca de Távora. Cf. SOUSA, D. António Caetano de (1954) — *Ob. cit.*, tomo XII, parte II, p. 18).

¹⁸⁸ Coimbra: na Oficina de la viuda de Manuel de Carvalho.

¹⁸⁹ D. Luís de Meneses (1632-1690) era filho de D. Henrique de Meneses, V senhor de Louriçal, e de D. Margarida de Lima (filha esta de D. João Gonçalves de Ataíde, IV conde de Atougúia, e de D. Mariana de Castro). Casou com D. Joana Josefa de Meneses, única filha de seu irmão, D. Fernando de Meneses, II conde Ericeira, e de D. Leonor Filipa de Noronha. Foi comendador de S. Martinho de Frazão, São Cipriano de Angueira e São Bartolomeu da Covilhã, na Ordem de Cristo. Aos oito anos de idade, entrou para o serviço do príncipe D.

Correia a tradução da *Nascimento, vida e morte admiráveis do grande servo de Deus Gregorio Lopes Portuguez, natural da antiga villa de Linhares* (1675)¹⁹⁰.

• À princesa D. Isabel Luísa Josefa de Bragança¹⁹¹ foram dedicadas as seguintes obras:

– a *Vida de la serenissima infanta D. Maria, hija delrey D. Manuel, fundadora de la insigne capilla de Nuestra Señora de la Luz* (1675)¹⁹², de Fr. Miguel Pacheco (O. Cristo), baseado no facto de ser esta princesa «preciosa perola da nossa Coroa» e «por nascimento e por educação christianissima, da qual confiadamente esperamos que, com lição e exemplo desta vida, será gloriosa imitadora das mesmas virtudes»;

– a *Vida da emperatriz Theodora* (1677)¹⁹³, de Duarte Ribeiro de Macedo;

– *A Fenix de Portugal, a flor transformada em Estrella, a estrella transferida a Sol: a idea moral, politica, historica de tres estados discursada a vida da Raynha Santa Izabel Infanta de Aragoão* (1680)¹⁹⁴, por Fr. António de Escobar (O.C.).

• Ao P.^o Mestre José dos Anjos, «religioso da Congregação de S. João Evangelista, Mestre jubilado em a Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, Reytor que foi do Convento de S. João de Evora, Diffinidor da mesma Congregação, Procurador Gèral della na Curia Romana, e ultimamente Reitor do Mosteiro de São Salvador de Villar de Frades», dedicou o Pe. Francisco de

Teodósio, filho de D. João IV. Em 1650, estando para partir para a Índia o vice-rei conde de Aveiras, planeou D. Luís de Meneses acompanhá-lo, mas como a guerra da Restauração era, por essa altura, também honrosa e útil ocupação para fidalgos, convenceu-o o conde de Soure, governador das Armas do Alentejo, a militar naquela província contra os espanhóis. Em todas as importantes batalhas daquela campanha se achou D. Luís de Meneses, havendo-se sempre com a distinção e valentia que o seu nome ilustre e a tradição de sua Casa faziam esperar. Nas batalhas de São Miguel, Linhas de Elvas, Ameixial e Montes Claros e nas tomadas de Évora e de Valência de Alcântara «ajudou valerosamente a fazer as páginas da História de que mais tarde seria o brilhante cronista. Foi especialmente assinalada a sua intervenção, como comandante da artilharia, nas batalhas do Ameixial e de Montes Claros». Depois de concluída a paz com Espanha, foi nomeado, em 1673, governador das Armas de Trás-os-Montes, mais tarde deputado da Junta dos Três Estados e, em 1675, vedor da Fazenda; enquanto ocupou este cargo, promoveu medidas de fomento da indústria, do comércio e da navegação para a Índia. Foi um dos homens mais cultos do seu tempo, tendo um conhecimento bastante aprofundado das línguas francesa, espanhola e italiana (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1948) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo V, p. 213).

¹⁹⁰ Lisboa: por Domingos Carneiro.

¹⁹¹ D. Isabel Luísa Josefa (1669-1690) era a única filha de D. Pedro II e de sua primeira mulher, D. Maria Francisca Isabel de Sabóia (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1951) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo VII, p. 415; tomo VIII, p. 223). A princesa D. Isabel Luísa Josefa «distinguiu-se pela sua cultura, em que avultavam os conhecimentos da História e das línguas cultas» (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. II, p. 562).

¹⁹² Lisboa: por João da Costa.

¹⁹³ Lisboa: na Officina de Joam da Costa.

¹⁹⁴ Coimbra: por Manoel Dias. A D. Isabel Luísa Josefa dedicou o P.^o Francisco de SANTA MARIA (C.S.J.E.) a *Agua do Empyrio, excellencias do discipulo amado, reducidas a compendio panegyrico*. Lisboa: na Officina de Miguel Manescal, 1687, e o P.^o Manuel FERNANDES (S.J.) os três tomos da *Alma instruída na doutrina, e vida christã*, Lisboa: na Officina de Miguel Deslandes, 1688-1699 (cujos belíssimos frontispícios apresentam a princesa rodeada por figuras alegóricas).

Santa Maria (C.S.J.E.) a *Saphira veneziana* e *Jacinto portuguez*. *Vida, morte, heroycas virtudes, & maravilhas raras do gloriosíssimo Protopatriarcha S. Lourenço Justiniano e do veneravel Padre Antonio da Côceição* (1677)¹⁹⁵.

• A D. María de Guadalupe de Lencastre Cardenas y Manrique, VI duquesa de Aveiro¹⁹⁶, dedicou Fr. Pedro de Jesus a edição de 1681¹⁹⁷ de *El mayor pequeño. Vida y muerte del serafin humano Francisco de Assis*, de D. Francisco Manuel de Melo.

• Ao Padre Fr. João Osório, geral da Congregação de S. Bento, dedicou Fr. João dos Prazeres (O.S.B.) a primeira parte de *O Principe dos Patriarchas S. Bento* (1683)¹⁹⁸.

• A D. Juan Fernando de Frias y Toledo, chantre «en la Iglesia Magistral de San Justo y Pastor de Alcalá, del Consejo de Su Eminencia, Vicario General en la Corte Arçobispal de la Ciudad de Alcalá, y en todo el Arçobispado de Toledo, y Visitador de Madrid» dedicou o impressor Francisco Garcia Fernandez a edição de 1688 de *El fenis de Africa. Vida de S. Agustin, nuestro padre* (1ª e 2ª partes)¹⁹⁹, de D. Francisco Manuel de Melo, acentuando, sobretudo, a erudição deste eclesiástico, mecenas e patrono da obra.

• Ao P. Fr. Vicente dos Santos, Dom abade geral da congregação de São Bento em Portugal, ofereceu e ao cardeal D. José de Aguirre dedicou Fr. João dos Prazeres (O.S.B.) o segundo tomo de *O Principe dos Patriarchas S. Bento* (1690)²⁰⁰.

• A D. Pedro Luís de Meneses, II marquês de Marialva e IV conde de Cantanhede²⁰¹, dedicou Fr. Gabriel da Purificação (O.S.H.) o *Espelho diafano e*

¹⁹⁵ Lisboa: Francisco Vilela.

¹⁹⁶ D. María de Guadalupe de Lencastre Cardenas y Manrique (1630-7/2/1715), VI duquesa de Aveiro, era filha de D. Jorge de Lencastre, I duque de Torres Novas, e de D. Ana Maria de Cardenas y Manrique de Lara (filha esta de D. Bernardino de Cardenas y Portugal, III duque de Maqueda, e de D. Luísa Manrique de Lara, V duquesa de Najéra), e irmã do IV e do V duques de Aveiro, D. Raimundo de Lencastre e D. Pedro de Lencastre. Casou com D. Manuel Ponce de León (1633-1693), VI duque de Arcos, conde de Baylen e de Casares, marquês de Zara e de Elche, alcaide-mor de Sevilha, senhor de Marchena, Rota, Chipiona, Mayrena, Ilha de Leão, Palacios, Ubrique, de la Serrania, de Villa Longa, comendador-mor de Castela e comendador de Carrião e Calatrava-a-Velha na Ordem de Calatrava, filho de D. Rodrigo Ponce de León, IV duque de Arcos, marquês de Zara, conde de Baylen e de Casares, do Conselho de Estado do rei Filipe IV, vice-rei de Valença e Nápoles, cavaleiro do Tosão, e de D. Ana Francisca Folch de Cardona Fernandez de Cordoba-Aragon y Fernandez de Cordoba-Figueroa, filha esta dos IV duques de Segorbe (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo XI, p. 98-103).

¹⁹⁷ Zaragoza: por los Herederos de Diego Dormer.

¹⁹⁸ Lisboa: por João Galvão.

¹⁹⁹ Alcalá de Henares: en la Imprenta de Francisco Garcia Fernandez.

²⁰⁰ Lisboa: por João Galvão.

²⁰¹ D. Pedro António de Meneses (31-III-1658/19-I-1711) era filho de D. António Luis de Meneses, I marquês de Marialva e III conde de Cantanhede, e de sua mulher D. Catarina Coutinho, filha herdeira de D. Manuel Coutinho, senhor de Torre do Bispo e do morgado de Medelo, e de sua mulher, D. Guiomar da Silva, filha dos primeiros condes de Sabugal. Foi senhor das vilas de Cantanhede, Marialva, Melres e dos morgados de Medelo e S. Silvestre, comendador de S. Bartolomeu de Santarém, Santa Maria de Almonda (em Azinhaga), S.

crystalino, em que se retratão as vidas dos dous mais austeros penitentes, S. Jeronymo, habitador dos asperos desertos da Syria, & S. Bruno, morador nos desabridos montes da Cartuxa (1690)²⁰².

• À rainha D. Maria Sofia de Neuburg²⁰³ dedicaram os religiosos jesuítas da Província de Portugal a tradução do P. Francisco Matos da *Vida do serenissimo Principe Eleitor D. Felipe Wilhelmo, Conde Palatino do Rheno, Archithesoureiro do Imperio Romano, Duque de Baviera, de Julia, de Clivia, & dos Montes: Conde de Veldencia, de Spanhemio, de Marquia, de Ravenspurgo, & de Mersia: senhor de Ravenstein, &c.* (1692)²⁰⁴, pai da dedicatária, da autoria do P. Johann Bodler (S.J.).

• A D. Veríssimo de Lencastre, «Cardeal da Santa Igreja Romana, Inquisidor geral destes Reynos, do Concelho de Estado do Serenissimo Rey Dom Pedro», dedicou o P. Manuel Coimbra a tradução do *Epitome historial da vida, virtudes, & portentos do invicto, & glorioso Padre S. Joam Capistrano [...] colhido dos Annaes da Ordem, & outros graves autores* (1692)²⁰⁵.

• A D. Fr. Luís da Silva, Arcebispo de Évora²⁰⁶, dedicou Fr. António de

Salvador de Sanguinhedo (no arcebispado de Braga), S. Miguel de Ribadio, todas na Ordem de Cristo, e das de Santa Maria de Serpa, na Ordem de Avis; padroeiro de numerosas igrejas. Foi gentil-homem da Câmara de D. Pedro II (a quem serviu também como estribeiro-mor e monteiro-mor) e de D. João V e presidiu à Junta do Comércio (1692). Como militar, foi mestre-de-campo do Terço de Cascais e tomou parte nas campanhas da Beira de 1704, durante a Guerra da Sucessão de Espanha. Ascendeu depois a marechal do Reino. Nomeado membro do Conselho de Estado (1704), foi, seguidamente, ministro assistente ao despacho de D. João V (1706). Casou, em 1676, com D. Catarina Coutinho (1652-1722), sua sobrinha e prima coirmã, filha de D. Rodrigo de Meneses (irmão do I marquês), gentil-homem da Câmara e estribeiro-mor do Príncipe-Regente D. Pedro, presidente do Desembargo do Paço, regedor da Casa da Suplicação, etc., e de sua mulher e sobrinha, D. Guiomar de Meneses (irmã do II marquês); c. g. (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. II, p. 722-723).

²⁰² Lisboa: por Manoel Lopes Ferreira.

²⁰³ D. Maria Sofia de Neuburg (1666-1699) era filha de Filipe Guilherme de Neuburgo, eleitor palatino do Reno, e de sua mulher, Isabel Amália, filha de Jorge II, landgrave de Hesse-Darmstadt. Casou com D. Pedro II de Portugal (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. II, p. 561).

²⁰⁴ Lisboa: na Officina de Miguel Deslandes.

²⁰⁵ Lisboa: por João Galrão.

²⁰⁶ D. Fr. Luís da Silva era filho de Francisco da Silva, clérigo e deputado da Inquisição de Lisboa, onde morreu moço no ano de 1629, filho este de Luís da Silva, alcaide-mor e comendador de Seia, e de sua mulher D. Mariana de Lencastre, única filha de D. Francisco de Faro, IV senhor de Vimieiro, e de sua segunda mulher, D. Guiomar de Castro. Nasceu a 27 de Outubro de 1626; foi frade da Ordem da Santíssima Trindade; e tendo sido mestre em Teologia na sua Religião e reitor do colégio de Coimbra, foi nomeado bispo de Titiopoli, para fazer os pontificais na capela real no ano de 1670, e sagrado a 30 de Agosto do ano seguinte. D. Pedro, sendo Príncipe-Regente, fê-lo deputado da Junta dos Três Estados, e deão da capela real, e depois bispo de Lamego: nesta cidade entrou a 22 de Junho de 1677, sendo depois transferido para o da Guarda, onde entrou a 6 de Junho de 1684 e fez imprimir as suas Constituições. A 6 de Janeiro de 1691, D. Pedro II promoveu-o à Igreja Metropolitana de Évora e tomando posse dela pelo seu coadjutor, o bispo de Targa, D. Fr. Bernardino de Santo António, entrou neste arcebispado a 23 de Janeiro do ano seguinte e foi um dos exemplares arcebispos e esmoleres que teve esta diocese: nela fundou e dotou em Estremoz a Casa dos Padres do Oratório de São Filipe Neri; fez grandes esmolos nesta e nas prelazias que ocupara e obras dignas de um bom Pastor; foi douto não só na sua profissão, mas também no Direito Canónico; pregava excelentemente, e fê-lo nas suas igrejas e em muitas de Évora. Morreu com grande sentimento de suas ovelhas, que com públicas preces e procições

Almada (O.E.S.A.), *Despozorios do Espirito celebrados entre o Divino Amante, e sua Amada Esposa a Ven. Madre Soror Mariana do Rozario Religiosa de veo branco no Convento do Salvador da Cidade de Evora* (1694)²⁰⁷.

- Ao «Lado sacramental de Jesu Christo» dedicou Fr. João dos Prazeres (O.S.B.) o *Epitome da admiravel vida de S. Gertrudes a Magna, virgem e abadessa da Ordem do Principe dos Patriarchas S. Bento* (1696)²⁰⁸.

- A Nossa Senhora da Conceição dedicou e a Lourenço Pires Carvalho²⁰⁹ ofereceu Soror Maria Francisca Isabel (O.S.C.) a tradução da *Vida da venerável Madre Maria Amada de Blonay, religiosa da Visitação de S. Maria, terceira superiora do primeiro mosteiro da mesma ordem* (1698)²¹⁰, de Charles Auguste de Sales, lembrando, sobretudo, a obrigação e gratidão não só da comunidade seráfica, à qual pertencia a tradutora, mas também da corte, a este senhor.

- A D. Juliana Maria de Santo António²¹¹ dedicou Fr. Agostinho de Santa Maria (O.S.A.) a *Historia da vida admiravel, e acçoens prodigiosas da veneravel Madre Sor Brizida de Santo Antonio* (1701)²¹².

- A D. Luísa Maria de Mendonça e Eça, marquesa de Monteabelo²¹³, dedicou

pediam a Deus lhe aumentasse a vida que lhe faltou, deixando evidentes sinais da sua predestinação a 13 de Janeiro de 1703; jaz na Sé de Évora. Cf. SOUSA, D. António Caetano de (1951) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo IX, p. 335-336.

²⁰⁷ Lisboa: por Manoel Lopes Ferreira.

²⁰⁸ Lisboa: por Miguel Deslandes. A edição de 1728 (Lisboa: na Officina da Musica) apresenta a mesma dedicatória.

²⁰⁹ Lourenço Pires Carvalho era filho de Lourenço Pires Carvalho, alcaide-mor dos Paços e Casas Reais, e de sua mulher, D. Madalena de Vilhena, filha esta de Henrique de Sousa, I conde de Miranda, e de D. Mécia de Vilhena. Foi porcionista do Colégio Real de Coimbra, onde entrou em Outubro de 1657, Doutor em Cânones, chantre da Sé do Porto, desembargador dos Agravos e juiz da Coroa no Porto, desembargador dos Agravos em Lisboa, arcediogo de Santarém, deputado da Mesa da Consciência e Ordens, deputado da Junta dos Três Estados, sumilher da cortina de D. Pedro II e comissário geral da Bula da Cruzada, de que tomou posse a 27 de Novembro de 1694 (Cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo XI, p. 554-555).

²¹⁰ Lisboa: por Miguel Manescal.

²¹¹ D. Juliana Maria era filha de Diogo Lopes Torres e de D. Isabel Henriques, filha esta de Diogo Rodrigues Lisboa e de D. Branca Torres. D. Isabel Henriques reedificou o convento de Marvila (de religiosas brigittinas), no qual se recolheu, juntamente com sua filha, a 25 de Março de 1681. De acordo com Fr. Cláudio da Conceição (O.F.M.), D. Isabel «deu logo duas alampadas de prata, hum Pallio rico com varas do mesmo metal, seis castiças para o Altar-Mór, a cruz para as procissões, outra para o Santo-Lenho, hum cofre para o Santissimo, Custodia, côroas para as imagens, e diademas para os Santos, e outras cousas mais de grande valor. Instituiu neste Convento quatro Capellas, com rendas suficientes, e a dois destes Capellães avantajou a esmola para serem confesores da Comunidade». Faleceu a 16 de Julho de 1691, após dez anos de clausura, e foi sepultada no coro de baixo. A sua filha D. Juliana Maria continuou a viver no mesmo convento, fazendo-lhe muitas obras e esmolas; por sua morte, deixou «hum legado de cem mil reis annuaes para a Comunidade, e cincoenta para varias festas particulares do Convento, augmentou a côngrua aos dois Padres Confesores, e aos dois Capellães». Faleceu a 3 de Agosto de 1714, aos setenta e quatro anos, e foi sepultada no coro de baixo (cf. CONCEIÇÃO, Fr. Cláudio da, O.F.M. (1819) — *Gabinete Historico, que a Sua Magestade Fidelissima, o Senhor Rei D. João VI em o dia de seus annos, 13 de Maio de 1818, oferece Fr. Claudio da Conceição. Tomo IV. Desde 1640 até 1668*. Lisboa: na Impressão Regia, p. 275-276).

²¹² Lisboa: por Antonio Pedrozo Galvão.

²¹³ D. Luísa Maria de Mendonça e Eça era filha de Manuel de Sousa da Silva, comendador do Casal, na Ordem

o P^c. António Maria Bonuci (S.J.) a *Vida de S. Rosalia, virgem Palermitana, advogada contra a peste. Recopilada de varios, e variados Authores* (1701)²¹⁴, esperançado não só de que esta senhora admita «aos sagrados retiros do seu domestico Oratorio» aquela santa, como também de que procure «promover em todas as senhoras de sua qualidade, & particularmente no animo de seus queridos filhos, hũa perfeyta imitação dos esplendidos exemplos de santidade»; o biógrafo não se esquece de louvar o quanto D. Luísa Maria «se esmera nos actos de piedade, & religião, sem fazer caso das mais prendas de sangue, & de fortuna».

- A João Andrade Rego e Vasconcelos dedicou Fr. Agostinho de Santa Maria (O.S.A.) a tradução do *Exemplo raríssimo da paciência, e vida prodigiosa, e singular da Santa, e admiravel Virgem Santa Maria Liduvina escrita em latim por Fr. João Brugmano da Ordem dos Menores de Flandes seu Confessor, recopilada por Fr. Lourenço Súrrio Cartuxo* (1703)²¹⁵, lembrando, em primeiro lugar, como «os livros espirituais, & que tratão de virtudes singulares» tinham vindo a merecer áquele senhor «tantos agrad» e, em segundo lugar, a «sua religiosa piedade, & suas grandes virtudes».

- A Josefa e Caetana Cardim, religiosas no mosteiro de Odivelas, dedicou Pascoal Ribeiro Coutinho *A nova fenix mais que entre incendios renacida, em pegos perpetuada. S. Iria, sua vida, martyrio, sua morte e sepultura* (1704)²¹⁶, baseado no facto de ter sido Santa Iria «hũa perfeita Religiosa», cujo exemplo poderia servir para que aquelas suas duas sobrinhas também o fossem.

- A Santa Gertrudes foi dedicada, por um devoto, a tradução da *Vida da gloriosa virgem Sancta Gertrudes a Magna* (1708)²¹⁷, do P^c. Alonso de Andrade (S.J.).

- A D. Margarida de Vilhena²¹⁸, condessa de Atouguia, «comendadora das comendas de Nossa Senhora da Graça, de Castelo Novo e Alpedrinha, senhora

de Avis, e de São Martinho do Bispo, na Ordem de Cristo, vedor da Casa da rainha D. Maria Francisca de Sabóia, e de sua segunda mulher, D. Joana de Mendonça, filha herdeira de Diogo de Mendonça, comendador do Casal na Ordem de Avis, governador e capitão general do estado de Brasil, e de sua segunda mulher, D. Maria da Cunha. Casou com António Félix Machado, II marquês de Montebelo, senhor de Entre Homem e Cávado, comendador de São João de Coucieiro, na Ordem de Cristo, governador de Pernambuco e alcaide-mor de Mourão (Cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo X, 1953, p. 354-355).

²¹⁴ Lisboa: na Officina de Manoel Lopes Ferreyra.

²¹⁵ Lisboa: por Antonio Pedrozo Galrão.

²¹⁶ Lisboa: por António Pedrozo Galrão.

²¹⁷ Lisboa: na Offic. de Antonio Pedrozo Galrão.

²¹⁸ D. Margarida de Vilhena (c. 1650-1725) era filha de D. João de Mascarenhas e de D. Beatriz de Meneses, III condessa do Sabugal. Casou, em primeiras núpcias, com Diogo Lopes de Sousa, IV conde de Miranda, e, em segundas núpcias, com D. Luís Peregrino de Ataíde, VIII conde de Atouguia (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo XII, parte I, p. 331, e tomo IX, p. 257; ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. II, p. 336).

da alcaidaria-mor da mesma vila e da comenda de Santa Cristina de Afife», dedicou Fr. Francisco de Ara Coeli a *Norma viva de religiosas. Tratado historico e panegyrico em que se descreve a vida e açcoens da serva de Deos Leocadia da Conceição, religiosa no recolecto Mosteiro da Madre de Deos de Móchique* (1708)²¹⁹, em primeiro lugar, em sinal de gratidão pelas mercês que vtinha recebido da dedicatária, e, em segundo lugar, pelo facto de esta imitar as virtudes de madre Leocádia da Conceição, fabricando, assim, «hum luminoso espelho, a que pôde bem comporse esta Corte».

• A D. João V foram dedicadas as seguintes obras:

– o primeiro tomo da *Estrella Dominica novamente descuberta no Ceo da Igreja. Historia panegyrica ornada com todo o genero de erudição divina e humana* (1709)²²⁰, por Fr. Lucas de Santa Catarina (O.P.);

– a *Vida e milagres de São Caetano Thiene, fundador dos Clerigos Regulares* (1722)²²¹, por D. Jerónimo Contador de Argote, nela lembrando o seu zelo em tudo o que dizia respeito ao culto divino e a sua devoção particular ao biografado;

– a *Historia do nascimento, vida e martyrio do veneravel P. João de Brito da Comanhia de Jesus Martyr da Asia e Protomartyr da Missão de Madure* (1722)²²², de Fernando Pereira de Brito, por D. Fernando de la Cueva e Mendoza;

– a *Vida de D. Nuno Alvares Pereira, segundo Condestável de Portugal (...)* *Progenitor da Casa Real, pela Serenissima de Bragança, em Portugal, ascendente das de Castella, França, Austria, Saboya, e os mais dos Monarcas, Soberanos, Principes, Potentados, Senhores, e ilustres familias da Europa* (1723)²²³, por Fr. Domingos Teixeira (O.E.S.A.);

– a *Historia tripartita compreendida em tres tratados. No primeiro se descrevem as Vidas, e os gloriosos triumphos dos Sanctos Martyres Verissimo, Maxima, & Julia, suas Irmãas, Padroeyros de Lisboa, & do Real Mosteyro de Santos. No segundo se dà noticia da vinda, & Prêgação do Apostolo Santiago ás Hespanhas, & do principio, & origem da sua esclarecida Ordem, & de seus notabilíssimos Mestres Portuguezes. No terceyro se descrevem os princípios do Real Convento de Santos, & a noticia de suas Illustres Comendadeyras, desde o anno de 1212 até os nossos tempos* (1724)²²⁴, de Fr. Agostinho de Santa Maria (O.S.A.), em primeiro lugar, por ser este monarca o grande mestre da Ordem de Santiago e, em segundo lugar, pela sua grande devoção aos santos mártires Veríssimo, Máxima e Júlia;

²¹⁹ Lisboa: por Miguel Manescal.

²²⁰ Lisboa: por Valentim da Costa Deslandes.

²²¹ Lisboa: por Paschoal da Sylva.

²²² Coimbra: no Real Collegio das Artes.

²²³ Lisboa: na Officina da Musica.

²²⁴ Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Pedrozo Galram.

– a tradução da *Historia da vida, acçoens heroicas e virtudes insignes do glorioso S. Fernando, rey de Castella e Leão, espelho de principes perfeitos, meretissimo filho da veneravel Ordem Terceira do seráfico Padre S. Francisco* (1728)²²⁵, de D. Afonso Nunes de Castro, por José Pereira Baião, impressionado não tanto com a «propensão» que o monarca tinha para com as artes e as ciências, mas, sobretudo, com o grande número de escritores e a «notavel multidão de Livros, que todos os dias sahem à luz sobre assumptos vários»;

– o *Epitome da vida, e prodígios de Santa Rita de Cassia, viúva, & religiosa da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, aclamada pela devoção dos Povos Advogada dos Impossiveis* (1728)²²⁶, de Fr. Manuel de Figueiredo (O.E.S.A.), baseado na sua devoção a esta santa, a quem vinha «erigindo, e adornando Altares, e repetindo esmolas para se lhe adiantarem os cultos»;

– o *Compendio da vida do glorioso pontifice S. Pio V, illustrado com reflexões moraes, politicas e predicáveis* (1728)²²⁷, de D. Sebastião de Sampaio (C.R.S.A.);

– a tradução de D. José Barbosa da *Vida de S. Vicente de Paulo, fundador e primeiro superior geral da Congregação da Missão* (1738)²²⁸, por Fr. João do Santíssimo Sacramento (O.S.A.);

– a *Relazione della vita e martyrio del venerabile Padre Ignatio de Azevedo ucciso degli heretici com altri trenta nove de la Compagnia de Giusu, cavata de processi autentici formati per la loro canonizzazione* (1743)²²⁹, do P. António Cabral (S.J.).

• A D. Francisca de Meneses, condessa de Vimioso²³⁰, dedicou Fr. Agostinho de Santa Maria (O.S.A.) as *Rosas do Japam, cândidas açucenas, e ramalhete de fragrantes, & peregrinas flores, colhidas no Jardim da Igreja do Japão, sem que os espinhos da infidelidade, & idolatria as pudessem murchar, em as vidas das muyto*

²²⁵ Lisboa: na Oficina de Pedro Ferreira.

²²⁶ Lisboa Occidental: na Oficina de Joseph Antonio da Sylva.

²²⁷ Roma: por João Zempel e João de Meil.

²²⁸ Lisboa: por José António da Silva.

²²⁹ Roma: Antonio Rossi.

²³⁰ D. Francisca Rosa de Meneses era filha de Manuel Teles da Silva, I marquês de Alegrete, II conde de Vilar Maior, dedicatário da *Virtuosa vida e santa morte da Princeza D. Joanna, reflexoens moraes e politicas sobre sua vida e morte* (1674) e da *Historia da vida do Bemaventurado Padre S. João da Cruz primeiro carmelita descalço: reflexões sobre algumas acções da sua vida* a *Historia da vida do Bemaventurado Padre S. João da Cruz primeiro carmelita descalço: reflexões sobre algumas acções da sua vida* (1680), ambas por *Historia da vida do Bemaventurado Padre S. João da Cruz primeiro carmelita descalço: reflexões sobre algumas acções da sua vida* a *Historia da vida do Bemaventurado Padre S. João da Cruz primeiro carmelita descalço: reflexões sobre algumas acções da sua vida* (1680), ambas por D. Fernando Correia de Lacerda, e de sua mulher D. Luísa Coutinho. Casou, a 24 de Setembro de 1699, com D. Francisco de Paula de Portugal e Castro, II marquês de Valença e VII ou VIII conde de Vimioso, filho de D. Miguel de Portugal, VI ou VII conde de Vimioso, e de sua mulher Antónia de Bulhões. A Providência ornou D. Francisca de «esclarecidas virtudes, brilhando a prudencia, e gravidade em animo pio, e devoto, com applicação aos livros, e talento admirável» (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo X, p. 464).

Illustres Senhoras, D. Julia Nayto, D. Luzia da Cruz, ou Caraviaxi, & D. Thecla Inácia, ou Muni, & de suas companheiras, congregadas em o santo recolhimento da Imperial Cidade de Macao, corte dos Imperadores do Japam, aonde forão prezas, & padecerão pela Fê muytos tormentos em odio della; & donde forão lançadas, & desterradas para a cidade de Manila em Filippinas (1709)²³¹, em primeiro lugar, porque «se desvela» aquela senhora «na liçam dos livros santos» e, em segundo lugar, para que, como «benigna mãy», o leia aos de sua família, para que «tambem se aproveitem da doutrina deles» e «procurem imitar a sua santidade, & sigam seus santos exemplos».

- A João de Sá Pereira²³² dedicou o impressor José Antunes da Silva a tradução de Pedro Lobo Correia da *Vida de nosso pay Adam. Traduzida em portuguez (...) com um tratado para os mareantes e outras orações contra as tempestades*, de Francisco Loredano (1709)²³³.

- A D. José de Meneses, I conde de Viana²³⁴, dedicou Fr. António de São Caetano (C.R.S.A.) o *Breve compendio da vida, e Martyrio dos cinco gloriosos Martyres de Marrocos da Sagrada Religião de S. Francisco com hum modo de orar no triduo da sua Festa, que se celebra no Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a 14 de Janeiro* (1711)²³⁵.

- A D. Álvaro de Abranches, bispo de Leiria, «do Conselho de Sua Magestade, Regedor da Casa da Supplicação», dedicou Domingos Lopes Coelho a sua tradução do castelhano da *História da prodigiosa vida do apóstolo S. Vicente Ferrer* (1713)²³⁶, de Fr. Francisco Gavaldá e Fr. André Ferrer Valdecebro.

- À própria Santa Catarina de Alexandria dedicou Soror Maria do Céu (sob o pseudónimo de Marina Clemência) *A Fénix aparecida na vida, morte, sepultura e milagres da gloriosa Santa Catarina, rainha de Alexandria* (1715)²³⁷.

- A soror Teresa Maria de Jesus, religiosa no convento de Nossa Senhora

²³¹ Lisboa: na Officina de Antonio Pedrozo Galram.

²³² João de Sá Pereira, comendador da redizima de Setúbal, era filho de Manuel de Sá Pereira e de Luísa de Melo. Casou com Joana de Sá, filha de Heitor de Sá e de Luísa de Eça (cf. FELGUEIRAS GAYO, Manuel José da Costa (1989) — *Ob. cit.*, vol. IX, p. 326).

²³³ Coimbra: na Officina de Jozeph Antunes da Sylva.

²³⁴ D. José de Meneses, I conde de Viana, era filho de D. Rodrigo de Meneses (filho este de D. Pedro de Meneses, II conde de Cantanhede, e de D. Constança de Gusmão) e de D. Guiomar de Meneses (filha esta de D. António Luís de Meneses, I marquês de Marialva, e de D. Catarina Coutinho), irmã de D. Pedro Luís de Meneses, II marquês de Marialva e IV conde de Cantanhede, a quem dedicou Fr. Gabriel da Purificação (O.S.H.) o *Espelho diáfano e cristalino, em que se retratão as vidas dos dous mais austeros penitentes, S. Jeronymo, habitador dos asperos desertos da Syria, & S. Bruno, morador nos desabridos montes da Cartuxa* (1690). Casou com D. Maria Rosa de Lencastre, filha de D. Luís da Silveira, II conde de Sarzedas, e de Mariana da Silva e Lencastre (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1948) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo V, p. 168).

²³⁵ Coimbra: por Bento Seco Ferreira.

²³⁶ Lisboa: Officina Real Deslandesiana.

²³⁷ Lisboa: na Officina Real Deslandesiana.

da Quietação de Alcântara²³⁸, dedicou Francisco Ferrão de Castelo Branco a sua tradução da *Vida de S. Felix de Cantalicio* (1716)²³⁹ e o impressor Filipe de Sousa Vilela *A Advogada dos impossíveis: a Bemaventurada Rita de Cassia, donzela, cazada, viuva, religiosa e defunta, freira professa no Convento de Santa Maria Magdalena de Cassia da Ordem eremítica de Santo Agostinho* (1726)²⁴⁰, de Fr. Francisco de Brito (O.E.S.A.).

- À própria Santa Ana dedicou António da Silva Pereira a tradução de António de Faria Barreiros da *Vida, Prerogativas, e excellencias da Inclita Matrona a Senhora Santa Ana* (1716)²⁴¹, do P. Fr. Francisco de Lezana (O. Merc.).

- A D. Sebastião Monteiro da Vide, arcebispo da Baía, dedicou o Pe. Francisco de Matos (S.J.) a *Vida chronologica de Santo Ignacio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus* (1718)²⁴².

- À madre abadessa e às religiosas do convento de Santa Clara do Desterro, na Baía, dedicou D. Sebastião Monteiro da Vide (S.J.) a *Historia da vida e morte da Madre Soror Victoria da Encarnação, religiosa professa no convento de S. Clara do Desterro, da cidade da Bahia* (1720)²⁴³, baseado no desejo de que este «exemplo domestico de huma irmam, e companheira» incitasse à imitação.

- A D. Rodrigo de Moura Teles, arcebispo de Braga, dedicou António de Mariz Faria o *Curioso peregrino na vida, morte, tresladação e milagres de S. João Marcos na augusta cidade de Braga* (1721)²⁴⁴.

- A D. Vitória de Távora, condessa de Unhão²⁴⁵, dedicou D. Francisco Xavier do Rego a *Vida de Santa Victoria, virgem e martyr portugueza, padroeira da cidade de Cordova* (1721)²⁴⁶, realçando que as «gloriosas açcoens, e variedade de sucessos» narrados na obra poderão servir à dedicatária de «agradavel

²³⁸ Soror Teresa Maria de Jesus (que, no século, foi D. Teresa Maria de Melo) era filha ilegítima de D. Nuno Álvares Pereira de Melo, I duque de Cadaval, IV marquês de Ferreira e V conde de Tentúgal, e de Isabel de Araújo. Desde os cinco anos de idade, foi educada no mosteiro de religiosas flamengas de Alcântara, junto a Lisboa, da primeira regra de Santa Clara, onde professou em 1683 (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo X, p. 201).

²³⁹ Lisboa: por Miguel Manescal.

²⁴⁰ Lisboa: por Filipe de Souza Villela.

²⁴¹ Lisboa: por Bernardo da Costa de Carvalho.

²⁴² Lisboa: por Paschoal da Sylva.

²⁴³ Roma: por João Domingos Chracas.

²⁴⁴ Lisboa: por Antonio Pedroso Galrão.

²⁴⁵ D. Vitória de Távora era filha de Miguel Carlos de Távora (filho este de D. António Luís de Távora, II conde de São João da Pesqueira, e de D. Arcângela Maria de Portugal) e de sua mulher, D. Maria Caetana da Cunha, II condessa de São Vicente (filha esta de João Nunes da Cunha, dedicatário da *El fenis de Africa, Agustino Aurelio, obispo hiponense hallado entre las inmortales cenizas de su memoria* (1648), de D. Francisco Manuel de Melo, e de sua mulher, D. Isabel de Bourbon). Casou com D. Rodrigo Xavier Teles de Meneses Castro e Silveira, IV conde de Unhão, filho de D. Fernão Teles de Meneses e Castro, III conde de Unhão, e de sua mulher, D. Maria de Lencastre, I marquesa de Unhão (filha esta de D. Martinho Mascarenhas, IV conde de Santa Cruz, e de D. Juliana de Lencastre); c.g. (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1951) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo IX, p. 48).

²⁴⁶ Lisboa: na Officina da Musica.

divertimento em algũa daquelas horas, que à lição dos Livros felizmente se aplica».

• A Fr. José de Santa Maria, «Jubilado na Sagrada Theologia, & digníssimo Dom Abade Geral da Religião de S. Bento neste Reyno de Portugal, e Provincia do Brasil», dedicou Fr. Bento da Ascensão (O.S.B.) a *Vida e Martyrio da insigne Virgem e Martyr prodigiosa Santa Quiteria Serenissima Infanta de Portugal no monte de Pombeiro Interamnense* (1722)²⁴⁷.

• A Inácio de Cabedo e Vasconcelos, inquisidor da Inquisição de Évora, dedicou Fr. Agostinho de Santa Maria (O.S.A.) o *Triumvirato espiritual, e historico nas prodigiosas vidas de 3 insignes varoens, o veneravel Padre Diogo Ortis, o veneravel D. Fr. Agostinho da Corunha Bispo de Popayan, e do veneravel Irmão Bartholameu Lourenço Portuguez da Companhia de Jesus* (1722)²⁴⁸.

• A D. João V e a toda a Família Real dedicou Brás Luís de Abreu o *Sol nacido no Occidente e posto ao nacer do Sol. S. Antonio Portuguez: epitome historico e panygyrico da sua admiravel vida e prodigiosas açoens* (1725)²⁴⁹.

• A D. José I foram dedicadas as seguintes obras:

– *O servo prudente constituído sobre a familia de seu Senhor. Vida e morte de S. Jozè Esposo da sempre Virgem Maria e Pay putativo de Christo com reflexoens Moraes de varia doutrina* (1726)²⁵⁰, de Fernando de Abreu e Faria, pelo impressor Miguel Rodrigues;

– o primeiro tomo da *Vida de S. Jeronimo Patriarcha, Cardial, Presbítero e Doutor Maximo da Igreja* (1743)²⁵¹, de Fr. João de São Pedro (O.S.H.);

– a *Vida e martyrio dos bemaventurados septe martyres, que pela confissão da fé de Jesus Christo derramaram o sangue na cidade de Marrocos em 4 de Julho de 1585* (1761)²⁵², de Fr. José de Santa Rosa (O.F.M.);

– o *Compendio da admiravel vida da veneravel Maria do Lado* (1762)²⁵³, de Fr. Bernardino das Chagas (O.F.M.).

– À infanta D. Maria Bárbara²⁵⁴ dedicou José Pereira Baião o *Portugal glorioso e illustrado com a vida e virtudes das bemaventuradas Raynhas Santas Sancha, Thereza, Mafalda, Izabel e Joanna* (1727)²⁵⁵ e Lourenço Morganti, bibliotecário do cardeal-patriarca de Lisboa, a tradução da *Vida de Santa Zita Virgem Luqueza*,

²⁴⁷ Lisboa: na Officina Ferreiriana.

²⁴⁸ Lisboa: por Antonio Pedrozo Galvão.

²⁴⁹ Coimbra: por Jozé Antunes da Sylva.

²⁵⁰ Lisboa: por Miguel Rodrigues.

²⁵¹ Lisboa: na Officina Sylviana e da Academia Real.

²⁵² Lisboa: na Officina de Miguel Manescal da Costa.

²⁵³ Lisboa: por Miguel Rodrigues.

²⁵⁴ A infanta D. Maria Bárbara (1711-1758) era filha de D. João V e de D. Maria Ana de Áustria. Casou, em 1729, com Fernando VI de Espanha.

²⁵⁵ Lisboa: na Officina de Pedro Ferreira.

*traduzida do idioma italiano no Portuguesez, acrescentada com huma breve noticia do Santo Christo, ou verdadeiramente o Santo Vulto, obrado por S. Nicodemus, que se acha na Cathedral da Cidade e Republica de Lucea em Toscana (1735)*²⁵⁶, por ser esta a «Vida» da «prodigiosa Advogada contra a esterilidade».

- Ao Sacramento do Altar foi dedicada a segunda edição da *Vida (...) Frei Antonio das Chagas (...). Novamente impressa e acrescentada com (...) elegias e devoções do mesmo venerável padre (1728)*²⁵⁷, do P.^o Manuel Godinho (S.J.).

- A D. Jaime Álvares Pereira de Melo, III duque de Cadaval²⁵⁸, dedicou João Rodrigues, mercador de livros e a cujas custas se fez esta edição, a terceira edição da *Chronica dos feitos, vida e morte do Infante Santo D. Fernando (1730)*²⁵⁹, emendada e corrigida por Fr. Jerónimo Ramos (O.P.).

- A D. Francisco, infante de Portugal²⁶⁰, dedicou António da Silva de Sampaio *A Flor de Florença ou Vida da Extatica Virgem Santa Maria Magdalena de Pazzi (1730)*²⁶¹.

- A todas as religiosas da Ordem de Santa Clara dedicou Fr. Manuel de São Luís os dois «Livros» das *Instruções moraes e ascéticas deduzidas da vida e morte da veneravel Madre Soror Francisca do Livramento, abbadessa que foy no mosteiro da Nossa Senhora da Esperança de Ponte Delgada (1731)*²⁶².

- A Francisco Pinheiro, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, ofereceu o

²⁵⁶ Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Pedrozo Galram. A D. Maria Bárbara dedicou também o Doutor D. José de Renales Carrascal, «Canonigo de la Santa Iglesia Cathedral de Siguenza», *Las nueve infantas de un parto, martyres de Galicia, hijas de reyes de la gran Lusitania, y singular nacimiento, vida, y martyrio de la esclarecida Virgen, y Martyr Santa Vvilgeforte, ò Librada, Patrona, que se venera en la Santa Iglesia Cathedral de la Ciudad de Siguenza, y su Obispado* (Madrid: por los Herederos de Juan Garcia Infanzon, 1736), baseado no facto de residir «la similitude gloriosa de la virtud, y excelências de las Santas, que son el principal ornamento de el Alma» na dedicatória.

²⁵⁷ Lisboa: por Miguel Rodrigues.

²⁵⁸ D. Jaime Álvares Pereira de Melo, III duque de Cadaval e V marquês de Ferreira, era filho de D. Nuno Álvares Pereira de Melo, I duque de Cadaval e IV marquês de Ferreira, e de sua terceira mulher, a princesa Margarida Armanda de Lorena (filha esta de Luís de Lorena, conde de Armagnac e de Harcourt, estribeiro-mor de Luís XIV, e de Catarina de Neuville). Casou, em primeiras núpcias, com D. Luísa de Portugal, filha do rei D. Pedro II e de Maria da Cruz Mascarenhas, e, em segundas núpcias, com a princesa Henriqueta Júlia Gabriela de Lorena (filha esta de Luís de Lorena, príncipe de Lambesch, e da princesa Joana Henriqueta Margarida Durfort (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. II, p. 460-461).

²⁵⁹ Lisboa: por Miguel Rodrigues.

²⁶⁰ O infante D. Francisco (1691-1742) era filho de D. Pedro II e de D. Maria Sofia de Neuburg. Foi duque de Beja, senhor desta cidade e de Serpa, Moura, Alcouthim, Vila Real, Almeida, Ranhados, Canelas, Abreiro, Freixel, Lamas de Orelhão, Vimioso, Honra de Sabrosa, Valença do Minho, etc. Foi D. Francisco «ornado de excelentes partes», porque nele se viu «a piedade, e Religião, da qual serão eternos padroens a sua Capella do Palacio da Bemposta; porque às rendas, com que fora dotada pela Rainha da Grã Bretanha sua tia, unio com facultade da Santa Sé Apostolica huma rendosa Igreja do seu padroado para mayor aumento do culto Divino; e o Hospicio, que deu, e fez edificar muy polidamente junto ao mesmo Palacio, para os Religiosos Capuchos da Provincia da Conceição» (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1951) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo VIII, p. 231-238).

²⁶¹ Lisboa: por Miguel Rodrigues.

²⁶² Lisboa: na Officina Augustiniana.

P^{re}. António Vicente, presbítero do hábito de São Pedro a *Historia abbreviada da vida, martyrio e tresladaçoens do invictissimo martyr e levita S. Vicente padroeiro de ambas Lisboas, primo com irmão do gloriozissimo Levita, e Martyr o Senhor S. Lourenço padroeiro da cidade de Roma* (1734)²⁶³, de Diogo Pires Cinza, devido ao facto de a nau que transportava o corpo daquele mártir ter aportado no local onde, à época, estavam «fundadas as cazas» em que habitava o dedicatário.

• A D. Maria Ana Josefa de Almada Amaral Valente²⁶⁴, filha e única herdeira do tenente-coronel Domingos de Amaral Valente e de D. Leocádia Antónia de Almada, dedicou José Pereira Baião o *Epitome chrono-genealogico e critico da vida, virtudes e milagres do prodigioso portuguez S. Antonio de Lisboa* (1735)²⁶⁵, de Fr. Miguel Pacheco, na qual acentu, por um lado, a grande devoção com que esta senhora sempre havia venerado Santo António e, por outro, o seu exercício de virtudes.

• A D. Jaime²⁶⁶ dedicou Pedro da Costa de Barbuda, escrivão da irmandade de São Marçal, a *Vida e novena do glorioso S. Marçal, discípulo de Jesu Christo, inclito bispo e especial advogado contra os incêndios* (1736)²⁶⁷, de Fr. José da Quietação (O.F.M.), baseado no «grande zello» com que aquele senhor «serve ao Glorioso S. Marçal sendo seu perpetuo Provedor, empregando se nos seus obséquios em comum, e em particular», esperando, assim, que «se augmente a devoção» deste santo «para que todos ajustando suas consciências mereção alcançar de Deos por interceção do Glorioso S. Marçal o verem-se livres» dos

²⁶³ Lisboa: por Maurício Vicente de Almeida.

²⁶⁴ D. Maria Ana Josefa de Almada Amaral Valente era filha e única herdeira de Domingos do Amaral Valente, fidalgo da Casa Real e cavaleiro da Ordem de Cristo, tenente-coronel de um dos regimentos da Guarnição da Corte, e de sua mulher D. Leocádia de Almada. Casou com Martinho de Sousa, comendador da Ordem de Cristo, filho de José de Sousa Pereira, colegial do colégio real de São Paulo de Coimbra, Doutor em Leis e lente de Instituta, desembargador e comendador da dizima do pescado da ilha de Porto Santo, na Ordem de Cristo; foi secretário da embaixada a Roma, de que foi embaixador o bispo de Lamego, D. Luís de Sousa, depois arcebispo de Braga; voltando ao reino, foi fidalgo da Casa Real, conselheiro da Fazenda de Capa e Espada, e de sua mulher, D. Maria Josefa de Alcáçova; s. g. (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa, ob. cit.*, tomo XI, p. 502-503). D. Leocádia de Almada era filha de António de Almada da Fonseca, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, e de D. Isabel Antónia Maria Piamonte de Lemos. Era piedosamente afeiçoada a São Vicente Ferrer, cuja escultura mandou colocar na capela de São João Evangelista do convento do Carmo, em Lisboa (SANTA ANA, Fr. José Pereira de, O.C. (1745) — *Chronica dos Carmelitas, da antiga e regular observância nestes Reynos de Portugal, Algarves e seus domínios*. Lisboa: na Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram, tomo I, p. 680). A Domingos do Amaral Valente dedicou o P^{re}. José Pereira Baião a *Historia verdadeira do famosissimo Heroe, e invencivel cavalleiro Hespanhol Rodrigo Dias de Bivar, chamado por excellencia o Cid Campeador; de suas grandes Cavallarias, Conquistas, Vitorias, e outras Açoens, e virtudes insignes; em que se dá tambem muitas noticias dos Reys, e Reynos de Hespanha de seu tempo*. Lisboa, por Antonio de Sousa da Sylva, 1734.

²⁶⁵ Lisboa: por Antonio de Sousa da Silva.

²⁶⁶ O autor não nos fornece pistas suficientes que nos permitam identificar com clareza quem seja este senhor. Será D. Jaime Álvares Pereira de Melo, III duque de Cadaval, que casou, em primeiras núpcias, com D. Luísa de Portugal, filha ilegítima de D. Pedro II?

²⁶⁷ Lisboa: por Maurício Vicente de Almeida.

continuados incêndios que se vinham registando por todo o reino.

- A D. Inês de Lencastre, condessa das Galveias, D. Mariana de Lencastre, abadessa no mosteiro da Esperança, e D. Teresa de Lencastre e Portugal, religiosa comendadeira no mosteiro da Encarnação²⁶⁸, dedicou Fr. Marceliano Ascensão (O.S.B.) a *Vida do glorioso S. Bento, pai de todos os monges, mestre e legislador da cenobítica vida monástica e príncipe de todos os patriarcas* (1737)²⁶⁹.
- A Santa Brígida, princesa de Nerícia, ofereceu Bento Soares a tradução, feita por Vitorino José da Costa, sob o pseudónimo de P. Manuel Caldeira, da *Vida e purgatório de S. Patrício* (1737)²⁷⁰.
- A D. Filipa de Noronha²⁷¹ dedicou Manuel da Silva de Morais a *Vida*

²⁶⁸ Estas três senhoras eram filhas de D. João de Lencastre, fidalgo da Casa Real, comendador da Ordem de Cristo das comendas de S. João de Trancoso, S. Pedro de Lardosa e S. Brás da Figueira e alcaidaria-mor desta vila, e de D. Maria Teresa de Portugal, filha herdeira de D. Pedro de Almeida, governador de Pernambuco, e de D. Luísa de Portugal. D. João de Lencastre foi capitão de cavalos, posto com que se achou nas batalhas de Ameixial e de Montes Claros, sendo capitão das guardas do marquês de Marialva, general daquele exército. Feita a paz com Castela, em 1668, recolheu-se à corte, onde ocupou o cargo de comissário geral da cavalaria; foi, posteriormente, mestre de campo do Terço da Armada e governador e capitão general do reino de Angola. No ano de 1694, governou o Brasil com patente de capitão general de mar e terra; no seu tempo foram descobertas as minas de Salitre, e nele começaram a aparecer as de ouro. Assistiu durante nove anos na cidade da Baía com este posto, com grande satisfação do rei D. Pedro II, que o estimou muito e atendia com particular atenção (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo XI, p. 213-214). D. Maria Teresa de Portugal faleceu em 1703, dotada de muitas virtudes (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo XI, p. 214).

D. Inês de Lencastre nasceu a 14 de Dezembro de 1680. Foi dama da rainha D. Maria Sofia de Neuburg. Casou com António de Melo de Castro, III conde das Galveias, comendador de S. Maria de Torradeira, S. Cristóvão de Nogueira e S. Pedro de Monsaraz, todas na Ordem de Cristo, e da de Colos e Monquelas, na Ordem de Santiago, e da das Galveias, na Ordem de Avis, couteiro-mor da Casa de Bragança; s. g. (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo XI, p. 215; ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. II, p. 631). D. Mariana de Lencastre nasceu a 26 de Março de 1686. Foi religiosa no mosteiro da Esperança, onde, trocando o apelido da sua esclarecida Casa pelo humilde da religião, se chamou «das Estrelas». Foi abadessa daquele mosteiro durante três anos «que acabará em Mayo de 1729, com grande saudade daquela Religiosa Casa, em que luzindo o seu talento, entre tão esclarecida observância, deixou da sua singular atenção, e prudência, feliz memoria: pelo que foy segunda, e terceira vez eleita Abbadessa, e o seria sempre, se as Leys o não encontrarão, e ella não desejasse unirse à obediência de súbdita». (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo XI, p. 215). D. Teresa Margarida de Lencastre nasceu a 14 de Janeiro de 1684. Foi freira no mosteiro da Encarnação. Faleceu em Junho de 1723 (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo XI, p. 215). Quatro irmãos seus seguiram também a vida religiosa: D. António de Lencastre, que foi Deão da capela ducal de Vila Viçosa e Principal da Santa Igreja Patriarcal; D. Lourenço de Lencastre, monge de S. Bernardo, Dom Abade do mosteiro de Nossa Senhora do Desterro de Lisboa; D. Cecília de Lencastre e D. Joana Vitória de Lencastre, freiras no mosteiro da Encarnação (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1953) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo XI, p. 215).

²⁶⁹ Lisboa: por José António da Silva.

²⁷⁰ Lisboa: por António Pedroso Galvão.

²⁷¹ D. Filipa de Noronha (ou Coutinho) nasceu a 6 de Maio de 1682 e era filha de D. Luís Álvares de Castro Noronha Sousa e Ataíde, VII conde de Monsanto, II marquês de Cascais, e de sua mulher, D. Maria Joana Coutinho (filha esta de D. António Luís de Meneses, I marquês de Marialva, e de D. Catarina Coutinho). Foi dama das rainhas D. Maria Sofia de Neuburg e de D. Maria Ana de Áustria; mais tarde, recolheu-se no

*admiravel do mais raro milagre da natureza, prodigio da graça, assombro da penitencia, portento de virtudes, modelo e exemplar da humildade, admiração dos serafins, Abrahão da lei da graça, Elias do Novo Testamento, Eliseu de maravilhas, tesouro de divinos poderes, substituto dos amores de Cristo nas suas chagas, novo homem do mundo, o glorioso patriarca seráfico S. Francisco de Assis (1737)*²⁷², impressionado pelo facto de esta senhora, que era «astro de mayor magnitude na Corte», ter escolhido para a sua residência «entre as menores das Religiosas», mas também com a sua «humildade de genio, e de trato» e a sua «natural caridade».

• A João Álvares da Costa, «do Conselho de Sua Magestade, Dezembargador do Paço, Procurador da Coroa, Juiz do Fisco Real», dedicou D. José Barbosa a tradução da *Breve narração da admiravel vida e prodigiosa morte do beato Pedro de Negles eremita (1738)*²⁷³, baseado não só no facto de aquele senhor ter trazido da Cúria Romana «hum precioso, e inestimável tesouro de documentos, e de memorias» sobre aquele desconhecido varão «ilustre em santidade» português, «adquiridos com a sua grande curiosidade, e examinados com a sua delicadissima observação», como no desejo de que este (re)conhecimento resulte «utilíssimo, jà para o patrocínio, jà para a imitação».

• À «sagrada, e milagrosa imagem do Menino Salvador» do mosteiro de Santa Clara de Trancoso dedicou Simão Cardoso Pacheco a *Vida e milagres da veneravel Madre Soror Francisca da Conceição, religiosa exemplarissima do mosteiro de S. Clara da villa de Trancoso (1738)*²⁷⁴.

• Ao próprio P. Bartolomeu do Quental dedicou Francisco José Freire a tradução da *Vida do Veneravel Padre Bartholomeu do Quental, fundador da Congregação do Oratorio nos Reynos de Portugal (1741)*²⁷⁵, do P. José Catalano.

• À rainha D. Maria Ana de Áustria ofereceu e à rainha D. Luísa de Gusmão dedicou Fr. António de São Bernardino (O.F.M.) o *Tratado do nascimento, vida e morte do Doutor João Pissarro, prior da igreja paroquial de S. Nicolau da corte e*

mosteiro de Santa Clara de Lisboa (cf. SOUSA, D. António Caetano de (1946) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. cit., tomo II, p. 308-311). Segundo um volume de *Genealogias manuscritas (A.N.T.T., 21- E. 12, fls. 215v.-216)*, D. Filipa teve de D. João V «huma filha bastarda que se criou em caza do secretario das mercês Bartolomeu de Sousa Mexia a qual morreo de Bexigas de 3 anos no de 1713 foi a sepultar em S. Vicente de Fora» (apud CANAVEIRA, Manuel Filipe Cruz de Morais (1984) — *A fortuna de uma nobre portuguesa no século XVIII: D. Filipa de Noronha e a sua testamentaria*. «Revista de História Económica e Social», vol. 13, p. 93-140, esp. p. 97). O conteúdo desta genealogia é confirmado por outra genealogia (A.N.T.T., 21-D. 31, fl. 309), a qual refere que D. João V era solteiro e que a filha de D. Filipa se chamava Teresa. A razão que levará D. Filipa de Noronha a isolar-se do mundo e a viver o resto da sua vida num convento estará, certamente, ligada ao nascimento de sua filha Teresa, que terá ocorrido em 1709 ou 1710, visto que esta morre em 1713, com três anos, e que terá sido um motivo de vergonha para esta senhora.

²⁷² Lisboa: por Manuel Fernandes da Costa.

²⁷³ Lisboa: por Manoel Fernandes da Costa.

²⁷⁴ Lisboa: por António Pedroso Galvão.

²⁷⁵ Lisboa: por Antonio Isidoro da Fonseca.

cidade de Lisboa (1741)²⁷⁶.

• A D. João da Mota e Silva, «Presbytero Cardeal da S. Igreja Romana», dedicou Fr. José Pereira de Santana (O.C.) a *Vida da insigne Mestra de espirito a virtuosa Madre Maria Perpetua da Luz, religiosa carmelita calçada do exemplaríssimo convento da Esperança da cidade de Beja* (1742)²⁷⁷.

• A D. Nuno da Cunha, «Presbytero Cardeal da Santa Igreja de Roma do Titulo de Santa Anastasia, Inquisidor Geral do Conselho de Estado», dedicou e a Domingos Pires Bandeira, «cavalleiro professo na Ordem de Christo, Escrivão da Camera de Sua Magestade pelas trez ordens militares, e Secretario da Meza da Consciência», subdedicou Fr. Jerónimo de Belém (O.F.M.) a *Vida justificada, morte preciosa, virtudes e milagres do Padre Fr. Jozé de Santa Anna, filho da Santa Provincia dos Algarves do regular observância de nosso Padre S. Francisco* (1743)²⁷⁸.

• A Fr. Filipe de Santa Teresa, «Doutor na Sagrada Theologia, Mestre Jubilado, Examinador Sinodal do Patriarcado» e provincial da Ordem do Carmo, dedicou o impressor Pedro Ferreira a tradução de Bernardo José Lemos Castel Branco de *O heroe portuguez: vida, proezas, victorias, virtude e morte do senhor D. Nuno Alvares Pereira* (1744)²⁷⁹, de Fr. António de Escobar (O.C.).

• À rainha D. Mariana Vitória de Bourbon foram dedicadas as seguintes obras:

– a tradução de D. Jerónimo Contador de Argote da *Vida da veneravel Madre Rosa Maria Serio de Santo Antonio, carmelita da antiga observância e priora do Mosteiro de São Jozé de Fazano, baliado da religião na Provincia de Bari do reyno de Napoles* (1749)²⁸⁰, do P^{re}. José Gentile;

– o *Compendio histórico da vida e milagres do beato e extatico P. Miguel dos Sanctos, da ordem dos descalços da Sanctissima Trindade e resumo das actas da sua beatificação* (1750)²⁸¹, por Fr. Manuel de São José (O.S.S.T.);

– a *Vida de Sancto Andrè Avelino, clerigo regular, especial protector contra accidentes apopleticos e mortes repentinas* (1767)²⁸², por D. Tomás Caetano do

²⁷⁶ Lisboa: por Miguel Rodrigues. À rainha D. Maria Ana de Áustria foram também dedicadas as seguintes obras: PERIM, Damião de Froes (1736) — *Theatro Heroico, Abecedario Historico, e Catalogo das Mulheres Illustres em Armas, Letras, Acçoens Heroicas, e Artes Liberais. Offerecido á Serenissima Senhora D. Marianna de Austria Rainha de Portugal*. Lisboa Occidental: na Officina da Musica de Theotonio Antunes Lima, tomo I; ODDI, Longaro degli, S.J. (1743) — *Vita dell'Infanta d'Austria suor Margherita della Croce Monaca Scalza di Santa Chiara del sacro Ordine Serafico composta e dedicata alla Sacra Real Maestà di Marianna Giuseppa d'Austria Regina di Portogallo &c. da Longaro degli Oddi della Compagnia di Gesu*, Roma: nella stamperia di Girolamo Mainardi al Vicolo della Cuccagna.

²⁷⁷ Lisboa: por Antonio Pedrozo Galrão.

²⁷⁸ Lisboa: por Miguel Manescal da Costa.

²⁷⁹ Lisboa: na Officina de Pedro Ferreira.

²⁸⁰ Lisboa: por Francisco da Sylva.

²⁸¹ Lisboa: na Officina de Francisco Luis Ameno.

²⁸² Lisboa: na Officina de Miguel Manescal da Costa.

Bem (C.R.), confiante de que a lição da «Vida» deste santo ser-lhe-á agradável, na medida em que nesta senhora resplandeciam «tantas virtudes, que em huma Rainha se forma o cumulo da felicidade, e gloria Portuguesa»;

– a *Vida do Beato Fr. Simão de Roxas da Ordem da SS. Trindade, confessor da augustíssima, e catholica rainha Dona Isabel de Borbon, primeiro fundador da Congregação dos Escravos do Dulcissimo Nome de Maria. Escrita e dedicada á augustíssima, e fidelíssima Dona Marianna Victoria Rainha de Portugal N. Senhora (1772)*²⁸³, de Fr. Caetano de São José (O.SS.T.), em primeiro lugar, pelo facto de a sua ascendente, a rainha D. Isabel de Bourbon, mulher de Filipe IV de Espanha, ter sido devotíssima do biografado (que foi, aliás, seu confessor) e, em segundo lugar, por se verem as virtudes não apenas de Fr. Simão de Roxas, como também de D. Isabel, em D. Mariana, principalmente na «comiseração para com os necessitados; a misericórdia para com os pobres; a escrupulosa observância dos preceitos Divinos; a religiosa reverencia às cousas sagradas; o profundo respeito ao Supremo Deos; a fervorosa, e ardente devoção à sempre Virgem Maria Mãe de Jesus Christo, e Rainha dos Anjos».

• A João de Melo, «Principal da Santa Igreja Patriarcal, do Conselho de sua Magestade» dedicou o Pe. Pedro Correia a *Vida e vinda dos Santos Tres Reys Magos, advogados dos caminantes (1745)*²⁸⁴.

• Ao próprio biografado dedicou o Pe. Sebastião do Rego a *Vida do veneravel Padre Jozé Vaz da Congragação do Oratorio dde S. Filippe de Neri da cidade de Goa (1745)*²⁸⁵.

• Ao infante D. António²⁸⁶ dedicou o P. André de Barros (S.J.) a *Vida do apostolico Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus, chamado por antonomasia o Grande (1746)*²⁸⁷.

²⁸³ Lisboa: na Regia Officina Typografica.

²⁸⁴ Lisboa: por Miguel Manescal da Costa.

²⁸⁵ Lisboa: na Real Oficina Silviana e da Academia Real.

²⁸⁶ O infante D. António (1695-1757) era filho de D. Pedro II e de D. Maria Sofia de Neuburg. Foi D. António «ornado de excelsas virtudes, benigno, agradável, generoso, magnifico, estimador das gentes, e favorecedor de toda a pessoa benemerita, ou seja Civil, ou Militar», que ele socorria generosamente com a sua protecção e liberalidade; era um príncipe «vivo, bizarro, robusto, e desembaraçado, com sublime entendimento, curioso, e sciente, dado às Mathematicas, e Filosofias modernas, em que teve por Mestre a Manoel de Azevedo Fortes, General de Batalha, e Engenheiro mór, insigne professor da architectura Militar, sciente na Filosofia moderna, e na Mathematica, e ornado de erudição, e virtudes», mas também à lição da História, que lia não só na língua materna, mas igualmente em latim, francês, italiano e castelhano, tendo mesmo uma grande livraria «escolhida com excelente eleição», onde se encontravam alguns manuscritos e impressos raros. Distinguiu-se também na música, na arte equestre e na de toureiro e na caça. Era devoto e piedoso: distribuía «largas esmolas aos seus, e Estrangeiros» e tinha «universal estimação ao estado Religioso, distinguindo os doutos, e de santa vida com especial atenção, e favorecendo a todos com benigna, e agradável vontade». Faleceu solteiro e s.g. (Cf. SOUSA, D. António Caetano de (1951) — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. ob. cit., tomo VIII, p. 239-243).

²⁸⁷ Lisboa: na Oficina Salviana.

• À mártir Santa Celerina²⁸⁸ dedicou Estêvão Lis Velho o *Exemplar da constancia dos martyres em a vida do glorioso S. Torpes, mordomo e valido de Nero, na qual se expõe desde o seu nascimento até o seu glorioso triumpho, e se relata a vinda prodigiosa do seu sagrado corpo a este reino, á villa de Sines, onde Sancta Celerina conhecendo-o por especial revelação de Deus, lhe deu recente sepultura, construindo-lhe um magnifico templo, que foi o primeiro da Europa e o segundo da christandade, o que se justifica com indubitáveis fundamentos, deduzidos dos mais antigos e verídicos escriptores, com dissertações e noticias muito curiosas sobre o mais que contem a mesma historia* (1746)²⁸⁹.

• A D. Joana Antónia de Noronha, condessa de Vale de Reis²⁹⁰, dedicou Reinério Bocache o anónimo *Breve Compendio da vida, morte, virtudes e milagres de Sancta Isabel, sexta rainha de Portugal, e infanta de Aragão* (1746)²⁹¹, em primeiro lugar, por ser esta senhora devotíssima da «Rainha Santa» e, em segundo lugar, para que «continue em exercicios espirituais».

• Ao P^{re}. Mestre Fr. Sebastião de São Plácido, «Lente de Durádo na Universidade de Coimbra, Dom Abbade que fo duas vezes do Collegio de S. Bento da mesma Cidade, Visitador Geral da Congregação, Dom Abbade do Real Mosteiro de São Martinho de Tibães, Donatario da Coroa, Capitão Mór, e Senhor dos Coutos de Tibães, de Mendo, e Estella, e Geral da Congregação Benedictina nos Reynos de Portugal, e suas conquistas», dedicou Frei Marceliano Ascensão (O.S.B.) o *Epitome da vida do glorioso Santo Amaro, monge beneditino* (1748)²⁹².

• A Luís Francisco Pimentel, «fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cosmografo Mór do Reyno, e Academico do numero da Academia Real da Historia Portuguesa», dedicou Francisco Álvares Vitério a primeira parte da *Vida e acções memoraveis do veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres... dividido em duas Partes, e extrahido dos excellentes escritos de Fr. Luiz de Granada, Fr. Luiz de Cacegas, Fr. Luiz de Sousa, e Luiz Munós* (1748)²⁹³.

²⁸⁸ Celerina (ou Celarina, ou Catarina), senhora romana, viúva de um governador, que vivia em Sines, teve um sonho, no qual um anjo a avisou para ir receber o corpo do mártir São Torpes, que fora oficial da casa do imperador Nero, à praia. Celerina encontrou-o então numa jangada de junco, velado por um cão e por um galo e sepultou o cadáver junto da ribeira da Junqueira.

²⁸⁹ Lisboa: por Miguel Manesal da Costa.

²⁹⁰ D. Joana Antónia de Noronha era filha de D. António de Noronha, II marquês de Angeja, e de D. Luísa Josefa de Meneses (filha esta de D. João Gomes da Silva e de sua mulher, D. Joana Rosa de Meneses, IV condessa de Tarouca, e, portanto, irmã da madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus, de quem foi escrita uma «Vida», publicada em 1783). Casou com D. Lourenço Filipe Nery de Mendonça e Moura, V conde de Vale de Reis, filho de D. Nuno Manuel de Mendonça, IV conde de Vale de Reis, e de D. Leonor de Maria Antónia de Noronha (filha esta de D. Pedro António de Noronha, I marquês de Angeja, e de D. Isabel Maria Antónia de Mendonça). Cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. II, p. 282; vol. III, p. 465.

²⁹¹ Lisboa: por Pedro Ferreira.

²⁹² Coimbra: Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus.

²⁹³ Lisboa: Oficina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram.

• A Nossa Senhora dedicou e às religiosas do mosteiro de Santa Clara de Amarante subdedicou Fr. Bernardo de Santa Maria Rosa (O.F.M.) o *Espelho de perfeição religiosa a que se podem ver as almas que quizerem segurar nos caminhos da vida espiritual as grandezas do amor de Deos no exercicio das virtudes e caminho seguro da cruz, composto do crystal da innocente vida da Madre Soror Guiomar Teresa do Cenáculo, religiosa que foy no mosteiro de Santa Clara de Amarante* (1750)²⁹⁴.

• Ao Padre Mestre Fr. António de Santa Maria dos Anjos Melgaço, «Doutor na Sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra, Lente de Prima na mesma faculdade nos Reaes Estudos de Mafra, Ministro Provincial da mesma Santa Provincia de Portugal», dedicou Fr. António do Sacramento (O.F.M.) a *Vida da veneravel Madre e Serva do Senhor Soror Joanna Luiza do Carmelo, Religiosa da Ordem Terceira de São Francisco no Real Mosteiro de Santa Anna de Lisboa* (1751)²⁹⁵.

• Às «imagens da Virgem Maria no mysterio da sua Conceição Purissima, e ao Patriarcha S. Joseph, colocadas na Altar Mór das religiosas do Convento dos Cardaes» dedicou Domingos Lopes Coelho a sua tradução da *História da prodigiosa vida do apóstolo S. Vicente Ferrer* (1752)²⁹⁶, de Fr. Francisco Gavaldá e Fr. André Ferrer Valdecebro.

• A Manuel Mendes de Almeida, capitão-mor da cidade de São Paulo, dedicou o Pe. Manuel da Fonseca (S.J.) a *Vida do venerável P. Belchior Pontes, da Companhia de Jesus da província do Brasil* (1752)²⁹⁷, lembrando não apenas o exercicio, por parte daquele senhor das suas muitas virtudes, mas também o seu socorro aos pobres da cidade de São Paulo e «a grande liberalidade, ás Familias Religiozas, entre as quaes não tocou pequena parte á Companhia; pois não contente com o exercicio do Syndico no Convento do Serafim da terra S. Francisco, cuidou tanto, em augmentar o Mosteiro do grande Patriarcha S. Bento, que tendo passado tantos annos sem corô por causa da sua pobreza», se esperava «que brevemente à expensas» do dedicatário se vissem «bem logrados os santos desejos daqueles Religiosissimos Monjes».

• A D. João da Bemposta²⁹⁸ dedicou Fernando Joaquim de Sousa o *Christiados, ou Vida de Christo Senhor Nosso. Poema sacro dividido em tres cantos*

²⁹⁴ Coimbra: por Luís Seco Ferreira.

²⁹⁵ Lisboa: na Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galrão.

²⁹⁶ Lisboa: por Domingos Gonçalves.

²⁹⁷ Lisboa: por Francisco da Silva.

²⁹⁸ D. João da Bemposta era filho do infante D. Francisco de Bragança, VII duque de Beja, e de Mariana da Silveira. Casou com D. Maria Margarida de Lorena, II duquesa e IV marquesa de Abrantes, filha de D. Rodrigo de Melo e de sua mulher, D. Ana Maria Catarina Henriqueta de Lorena, I duquesa e III marquesa de Abrantes; s.g. (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. I, p. 563).

(1754)²⁹⁹.

- À própria biografada foi dedicado o *Epitome da Vida de Santa Joanna, Princeza de Portugal, religiosa da Ordem de S. Domingos, chamada vulgarmente a Santa Princeza. Traduzido do italiano em Portuguez, e acrescentado por hum seu devoto* (1755)³⁰⁰.

- A D. Francisco da Anunciação, «do Conselho de sua Magestade, Prior do Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, Geral Visitador, e Reformador da Congregação dos Conegos Regulares do Grande Patriarcha Santo Agostinho neste Reino de Portugal, com poderes de capitulo Geral, e Definitorio por sua Santidade: Cancellario, Reformador, e Reitor da Universidade de Coimbra»³⁰¹ foi dedicada a tradução de José Ribeiro Neves de *A heróica vida, virtudes e milagres do grande S. Francisco de Borja, antes duque de Gandia, e depois terceiro geral da Companhia de Jesus* (1757)³⁰², de D. Álvaro de Cienfuegos, na medida em que foi aquele senhor o primeiro que, não só na cidade, como na universidade de Coimbra, «excitou, e promoveo a devoção de S. Francisco de Borja, fazendo imprimir, e espalhando livros, com que ateava o amor, e a devoção do Santo nos corações de todos: o que, como digníssima Cabeça do nobilíssimo, e sapientíssimo corpo deste Atheneu Conimbricense, elegeo a Borja para seu Patrono: e não satisfeito o seu affecto com este obsequio, passou a solicitar, que o Patronato de Borja se estendesse por todo este Reino, e suas Conquistas, isto he, pelo mundo todo».

- Ao infante D. Pedro³⁰³ dedicou Caetano de Andrada Pinto, «fidalgo da Casa de Sua Magestade, e seu Guarda-Roupa», a *Vida portentosa da serva de Deus D. Thomazia de Jesus, Terceira professa na Ordem de S. Domingos, que morreu no convento do Salvador desta cidade de Lisboa, onde faleceo no dia 26 de Maio de 1755* (1757)³⁰⁴, de Fr. João Franco (O.P.).

- A São José dedicou o P^{re}. João Batista de Castro a *Vida do glorioso patriarcha S. José, extrahida e reduzida a compendio do que escreveram os Sagrados Evangelistas, Santos Padres e varões pios* (1761)³⁰⁵.

- A D. Maria I foram dedicadas as seguintes obras:

- ainda antes de ter subido ao trono, dedicaram-lhe a abadessa e as religiosas

²⁹⁹ Lisboa: na Officina de Pedro Ferreira.

³⁰⁰ Lisboa: na Officina de Manoel Soares.

³⁰¹ D. Francisco da Anunciação era VII neto de São Francisco de Borja, pois era filho de Aires de Saldanha de Albuquerque, gentil-homem do infante D. António e governador do Rio de Janeiro, e de D. Maria Leonor de Moscoso, VI neta de São Francisco de Borja e dama da rainha D. Sofia.

³⁰² Coimbra: no Real Collegio das Artes.

³⁰³ O infante D. Pedro (1717-1786) era filho de D. João V e de D. Maria Ana de Áustria. Casou com a rainha D. Maria I, sua sobrinha.

³⁰⁴ Lisboa: por Miguel Manescal da Costa.

³⁰⁵ Lisboa: por Miguel Manescal da Costa.

do Real convento do Santíssimo Sacramento do Louriçal as *Memorias da vida e virtudes da serva de Deus Soror Maria Joana, religiosa do Convento do Santissimo Sacramento do Louriçal* (1762)³⁰⁶, de Fr. José Caetano de Sousa (O.C.), em primeiro lugar, por serem as «notorias virtudes» desta princesa «hum emprego dos mais reverentes affectos» daquela comunidade e, em segundo lugar, como sinal de gratidão pelas muitas mercês e benefícios que aquela casa religiosa, fundada por D. João V, avô paterno da dedicatária, vinha recebendo da Casa Real; já depois da sua subida ao trono, foram-lhe dedicados: a *Vida de S. Julião Esposo de Santa Baziliza, virgem, e mártires de Antiochia* (1790)³⁰⁷, por Joaquim da Nóbrega Cão e Aboim, e o *Epitome da vida do excelentissimo e reverendissimo Sr. D. Fr. Ignacio de S. Caetano, confessor da Rainha nossa Senhora, arcebispo de Thessalonica, inquisidor geral, e ministro assistente no despacho, etc.*, (1791)³⁰⁸, por Fr. Manuel de Santo Ambrósio (O.C.D.).

• A D. Gaspar, arcebispo de Braga³⁰⁹, dedicou a Madre Maria Benta do Céu (O. Concep.) o *Jardim do Ceo, plantado no convento de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Braga; em que se tracta das memorias da fundação d'este primeiro convento do reino dedicado à Conceição purissima de Nossa Senhora e se expõe a vida da venerável D. Beatriz da Silva, fundadora d'esta ordem e as de outras religiosas illustres em sanctidade, que no referido convento floreceram desde o anno de 1629 até o de 1764* (1766)³¹⁰.

• A Sebastião José de Carvalho e Melo, I conde de Oeiras e I marquês de Pombal³¹¹, dedicou António Pereira de Figueiredo o *Compendio da vida e acçoens do veneravel Joã Gerson, cancellario da Universidade de Pariz, chamado por antonomasia o Doutor Christianissimo* (1769)³¹².

• A D. João da Cunha, «Cardeal da Santa Igreja, Arcebispo de Evora», dedicou D. Jerónimo da Cunha o *Compendio da vida, virtudes, milagres, e obras prodigiosas de S. Vicente de Paulo, fundador da Congregação da Missão, e das servas dos pobres, chamada Filhas da Charidade* (1779)³¹³.

• A José Xavier da Cunha Eça Castro Teles Carvalho e Silva, «Fidalgo da Casa de sua Magestade, Alcaide mór de Aveiro, e Tenente General da Artilharia

³⁰⁶ Lisboa: na Oficina de Miguel Rodrigues.

³⁰⁷ Lisboa: Regia Officina Typographica.

³⁰⁸ Lisboa: na Regia Officina Typographica.

³⁰⁹ D. Gaspar era filho ilegítimo de D. João V e de D. Madalena Máxima de Miranda (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. I, p. 604).

³¹⁰ Lisboa: na Oficina de Manuel Coelho Amado.

³¹¹ Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782) era filho de Manuel de Carvalho de Ataíde, fidalgo da Casa Real e capitão de cavalaria, e de sua mulher, D. Teresa Luísa de Mendonça e Melo, filha dos morgados de Souto de El-Rei. Foi secretário de Estado durante o reinado de D. José I (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, vol. III, p. 133-150).

³¹² Lisboa: na Oficina de Antonio Vicente da Silva.

³¹³ Lisboa: na Regia Officina Typographica.

do Reino»³¹⁴ dedicou D. Tomás Caetano do Bem a *Vida do veneravel Padre D. Alberto Maria Ambiveri, clerigo regular* (1782)³¹⁵.

- Ao cardeal João Archinto foi dedicada a tradução do *Resumo da vida e morte do servo de Deos Bento José Labre* (1785)³¹⁶, de João Batista Alegiani.

- Às religiosas do mosteiro da Ordem da Visitação de Lisboa dedicou o Pe. António Joaquim (C.O.) a *Vida de S. Francisco de Sales, Bispo e Principe de Genebra, Patriarcha da Ordem da Visitação de Sancta Maria* (1791)³¹⁷.

- A D. Marcelino José da Silva, bispo de Macau, dedicou Fr. Nicolau Pedro de Oliveira (O.C.) o *Compendio da vida do excellentissimo e reverendissimo Senhor D. Eusebio Luciano Carvalho Gomes da Silva, bispo de Nankin* (1792)³¹⁸, irmão do dedicatário.

- A D. Carlota Joaquina de Borbón, «princesa do Brazil»,³¹⁹ dedicou o Pe. António Luís de Carvalho a tradução a *Vida do glorioso S. José Calazans, fundador da religião das Escolas Pias* (1794)³²⁰.

No conjunto destas duzentas e dezasseis dedicatórias, notámos que um grande número das «Vidas» analisadas (cinquenta e oito) foram dirigidas a membros do clero, tanto secular como regular, confirmando, assim, a tendência verificada na Época Moderna de direccionar textos pertencentes ao filão da literatura de espiritualidade (sobretudo as obras mais «escolásticas», como as de exegese bíblica e até mesmo sermões) a este tipo muito específico de destinatários.

Um número muito significativo de obras (dezoito) foram dedicadas a monarcas, o que bem ilustra a funcionalidade e a eficácia da dedicatória enquanto meio para alcançar a benevolência e o favor régios³²¹.

Depois de 1640, verificámos um significativo aumento de dedicatórias «políticas» (dezanove), ou seja, de obras dirigidas a figuras pertencentes,

³¹⁴ José Xavier da Cunha Eça Castro Teles Carvalho e Silva era filho de Manuel Gomes de Carvalho da Silva e de Ana José Rita da Cunha d'Eça Teles de Meneses Salema Correia Carreiro (cf. FELGUEIRAS GAYO, Manuel José da Costa (1989) — *Ob. cit.*, vol. IV, p. 182; vol. XII, p. 79).

³¹⁵ Lisboa: na Regia Officina Typographica. Saiu novamente incorporada nas *Memorias Historicas e Chronologicas da sagrada religião dos Clerigos Regulares em Portugal e suas conquistas, na India Oriental*, Lisboa: na Regia Offic. Typ.; Tomo I (1792); Tomo II (1794).

³¹⁶ Lisboa: na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo.

³¹⁷ Lisboa: por Francisco Luís Ameno.

³¹⁸ Lisboa: na Regia Officina Typ.

³¹⁹ D. Carlota Joaquina de Borbón (1775-1830) era filha de Carlos IV de Espanha e de sua mulher, D. Maria Luisa di Borbone, princesa de Parma. Casou com D. João VI de Portugal (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Ob. cit.*, tomo I, p. 699-704).

³²⁰ Lisboa: na Regia Officina Typographica.

³²¹ CHARTIER, Roger (1996) — *Le prince, la bibliothèque et la dedicasse. In Le pouvoir des bibliothèques: la mémoire des livres en Occident*. Sous la direction de Marc BURATIN et Christian JACOB. Paris, Albin Michel, 1996, p. 204-223; VOINIER, Sarah — «Dedicatoria y poder en unas crónicas históricas del siglo XVII». In *Paratextos en la literatura española, ob. cit.*, p. 283-292.

sobretudo, à nobreza, que desempenharam importantes cargos políticos, diplomáticos ou militares nos tempos que se seguiram à Restauração.

Por outro lado, notámos a presença de um número muito significativo de destinatários particulares, nomeadamente femininos – em especial da Casa Real (vinte e cinco dedicatórias) e da alta nobreza (vinte e quatro dedicatórias) – de várias destas «Vidas» de santos e devotas, as quais parecem-nos merecer uma especial atenção, nomeadamente pelo que nos revelam da vida espiritual e devota destas grandes senhoras.

Este fugaz percurso pelos dedicatários de “Vidas” de santos e devotas, editadas no período compreendido entre os séculos XVI e XVIII, permitiu-nos chamar a atenção para aspectos que só mais recentemente têm vindo a ser valorizados por uma bibliografia que tem vindo a estudar a importância do aparato paratextual, no complexo caminho de leituras e leitores.

Deste modo, como alguns autores já realçaram, o estudo das leituras dos variadíssimos tipos de obras ou textos de espiritualidade na Época Moderna e da sua circulação não pode, por sua vez, ser dissociado do universo constituído pelos dedicatários a quem aqueles eram dirigidos. Ainda que as dedicatórias das obras da Época Moderna sejam, em muitos casos, motivadas pela necessidade de protecção (política, económica ou religiosa) dos seus autores ou impressores, ou como acto de gratidão devido a mercês recebidas, não devem deixar de ser tidas em conta por quem lê ou estuda estes textos, não só pelo que nos revelam acerca das complexas redes, muitas vezes «clientelares», que uniam estas figuras, como também pelo que podem dar a conhecer sobre devoções, práticas espirituais, orientações de leituras ou pautas de comportamento. Neste caso, cremos poder concluir que o estudo das dedicatórias contribui para a identificação de famílias que promovem os seus próprios membros, «patrocinando» autores ou edições, estabelecendo, assim, uma «rede de solidariedades», que terá marcado o contexto religioso e cultural do Portugal moderno³²².

Artigo recebido em 22/05/2012

Aceite para publicação em 25/06/2012

322 CARVALHO, José Adriano de Freitas (2007) – *Lectura espiritual en la Península Ibérica (siglos XVI-XVII): programas, recomendaciones, lectores, tiempos y lugares*. Salamanca: Semyr.

